

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**O SURDO E O TRABALHO:
REALIDADE E DESAFIOS NA BUSCA E GARANTIA DO
TRABALHO**

KYLZIA ANDRÉA AZEVEDO PEREIRA

**RECIFE
DEZEMBRO/2009**

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**O SURDO E O TRABALHO:
REALIDADE E DESAFIOS NA BUSCA E GARANTIA DO
TRABALHO**

KYLZIA ANDRÉA AZEVEDO PEREIRA

**RECIFE
DEZEMBRO/2009**

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**O SURDO E O TRABALHO:
REALIDADE E DESAFIOS NA BUSCA E GARANTIA DO
TRABALHO**

KYLZIA ANDRÉA AZEVEDO PEREIRA

Monografia apresentada à Faculdade Santa Helena como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Maria Izabel de Melo Monteiro.

**RECIFE
DEZEMBRO/2009**

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

O SURDO E O TRABALHO REALIDADE E DESAFIOS NA BUSCA E GARANTIA DO TRABALHO

KYLZIA ANDRÉA AZEVEDO PEREIRA

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Especialista.

Banca Examinadora:

Prof^a. M^a Maria Izabel de Melo Monteiro

Prof. Dr. Abdias Carvalho

Prof^a. M^a Liliane Longman

Kylzia Andréa Azevedo Pereira.

O SURDO E O TRABALHO: REALIDADE E DESAFIOS
NA BUSCA E GARANTIA DO TRABALHO

Kylzia Andréa Azevedo Pereira, -- Recife, 2009.

1V.

Monografia - Curso de Especialização Estudos Surdo-
FSH – Faculdade Santa Helena

1. Surdez 2. Trabalho 3. Discriminação

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas surdas, em especial aos meus alunos, jovens surdos, que enfrentam muitas barreiras em busca do primeiro emprego. Sofrem discriminações, em suas famílias, na escola e no mercado de trabalho. E digo, que busquem se adequarem às exigências profissionais, estudando e se qualificando. Mas ,não aceitem a adequação que exige transformação de suas exigências. Vocês são eficientes e capazes de conquistarem seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter colocado as pessoas certas em meu caminho, pessoas que me ensinaram a olhar, a amar, a dialogar, a lutar, a questionar, a ensinar. Agradeço a todos os professores que tive, não apenas os de carreira docente, mas, os discentes que me ensinaram a aprender o que não está em nenhum livro.

Agradeço a minha filha e ao meu marido, que tiveram paciência neste momento de produção.

“[...] O objeto de investigação pode ser cercado pelo pesquisador se ele se distanciar epistemologicamente do mesmo. Distanciar-se do objeto de pesquisa significa aproximação. É o cercamento epistemológico para que haja a aproximação da *substantividade* do objeto, decifrando, assim, a sua razão de ser. Neste procedimento epistêmico não se deve isolar a condição para compreendê-lo e às relações intrínsecas aí inseridas na relação com o outro”
(SKLIAR, 2005, p.142)

RESUMO

O presente trabalho monográfico pretende refletir sobre questões que envolvem a surdez, o trabalho e a legislação que regulamenta o trabalho da pessoa surda. Para alcançar os objetivos propostos, foi necessário obedecer alguns critérios metodológicos, como: levantamento bibliográfico de obras que envolvem a temática e análise dos dados coletados nos questionários da Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009). Desse modo o trabalho foi dividido em três capítulos: 1º surdo: inclusão x exclusão; 2º trabalho e legislação; 3º trabalho e a pessoa surda. Tendo como foco principal, o desenvolvimento de uma visão crítica diante dos problemas reais e o enfrentamento não ingênuo a uma sociedade ilusória (inclusiva x exclusiva). Com isto, se resgatou alguns autores/obras/instrumentos para fundamentar e confrontar algumas medidas inclusivas, como: a Legislação Brasileira, reafirmada em obras escritas, por alguns autores, defendida pela ordem médica e aceita pela sociedade, que tomam como verdade a inverdade da deficiência e incapacidade humana. Incapacidades estas que são asseguradas pela legislação e afirmadas perante laudos médicos. Documentos legais definem o que é normal dentro de um padrão considerado normal para ser um ser humano. Concluímos que, considerar um indivíduo como deficiente é o mesmo que, definir o sujeito como um humano incompleto ou um não humano. E esta cultura do normal x anormal, dificulta a emancipação e a busca pelo trabalho, pois, logicamente os empresários não desenvolvem o interesse na contratação de uma mão de obra defeituosa - anormal – deficiente e não humana. Por esta razão se justifica a não contratação como, por exemplo: falta de qualificação profissional do candidato; despreparo da empresa e dos funcionários para o convívio, dentre outras razões. Contudo, acreditamos que existem outras razões que envolvem a pessoa surda e o trabalho, mas, que não foram aprofundadas neste momento, por ser um trabalho preliminar.

Palavras chave: Trabalho. Surdez. Discriminação.

ABSTRACT

This search reflects on issues about deafness, work and laws governing the work of the deaf person. To reach the proposed objectives, it was necessary to comply with some methodological criteria, such as: literature works involving the subject and analysis of data collected in questionnaires Research - Figurations Cultural. Deaf in the Contemporary (2009). So the work was divided into three chapters: 1st deaf: Inclusion x exclusion, 2nd job and legislation; 3rd work and deaf person. Based in the main focus, the development of a critical view on the real problems and confronting with not so naïve as a society illusory (inclusive x-exclusive). With this, it rescued some authors / works / tools to support and confront some inclusive measures, such as the Brazilian law, restated in works written by some authors, supported by medical and accepted by society, taking as true the falsehood of disability and human inability. Disabilities those that are provided by law and affirmed before medical reports. Legal documents define what is normal within a standard considered normal for a human being. We conclude that, consider an individual as disabled is the same, set the subject as an incomplete human or nonhuman. And this culture of normal x abnormal hinders the emancipation and the quest for work, because of course employers do not develop an interest in hiring a labor defective - abnormal - and lack human dignity. For this reason it is justified not hiring, for example: lack of professional qualification of the candidate; unpreparedness of the company and employees to the living, among other reasons. However, we believe that there are other reasons that involve the deaf person and work, but that was not discussed further at the moment, as a preliminary search.

Keywords: Work. Deafness. Discrimination.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: COTAS CONFORME ESTABELECE O ART. 93 DA LEI Nº 8.213/91:	32
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo	37
Gráfico 2- Idade	38
Gráfico 3 – Cor/Raça/Etnia	39
Gráfico 4 - Onde mora.....	40
Gráfico 5 – Uso da Libras	41
Gráfico 6- Estado Civil	41
Gráfico 7- Escolaridade	42
Gráfico 8 – Quantidade de filhos	42
Gráfico 9 - Trabalho	43
Gráfico 10- Religião.....	43
Gráfico 11 – Tipo de moradia	44
Gráfico 12- Com quem mora	45
Gráfico 13- Causa da surdez	45
Gráfico - 14- Gosta de ler.....	46
Gráfico 15- Ler revista	46
Gráfico 16- Leitura de jornal.....	47
Gráfico 17- Cinema.....	48
Gráfico 18 – Gosta de usar a Libras	49
Gráfico 19 - Gosta de usar menos a Libras.....	50
Gráfico 20 - Conhece ASL	51
Gráfico 21 - Sonha em Libras.....	52
Gráfico 22 – País contaram história em Libras.....	52
Gráfico 23 – Professores contaram história em Libras	53
Gráfico 24 – DVD em Libras	53
Gráfico 25 – Teatro em Libras	54
Gráfico 26 - Coral de Libras.....	55
Gráfico 27 - Participa de grupos culturais	55
Gráfico 28 – Leu livros escritos por surdos.....	56
Gráfico 29 – Músicas feitas por surdos.....	57
Gráfico 30 – Legenda Nacional	57
Gráfico 31 – Filme sobre surdo.....	58
Gráfico 32 – Congresso de surdos ou sobre surdos	59
Gráfico 33 – Cultura Surda	60
Gráfico 34 – Vai à ASSPE	61
Gráfico 35 – Dia do Surdo.....	62
Gráfico 36 - Amigo surdo.....	63
Gráfico 37 – Sentimento Difícil.....	65
Gráfico 38 – Os surdos são	66
Gráfico 39 – Usa prótese	66
Gráfico 40 – Faz Fonoaudiologia	67
Gráfico 41 – Importância de se fazer a cirurgia de implante coclear.....	68
Gráfico 42 – Conhece surdo que fez a cirurgia de implante coclear	69
Gráfico 43 – Sofreu discriminação	70
Gráfico 44 – Surdo quer ser ouvinte.....	70
Gráfico 45 – Orgulho de ser surdo	71
Gráfico 46 – Vergonha de ser surdo.....	72
Gráfico 47 – Oportunidade de trabalho	74
Gráfico 48 – Local de trabalho	75

Gráfico 49 – Tem carteira assinada	76
Gráfico 50 – Profissão	77
Gráfico 51 – Renda mensal.....	78
Gráfico 52 – Recebe Benefício, aposentadoria, pensão	79
Gráfico 53 – Surdo é visto no trabalho	80
Gráfico 54– Pontos positivos no trabalho.....	81
Gráfico 55 – Atividade equivalente ao grau de instrução	82
Gráfico 56 – Sente discriminado.....	82
Gráfico 57 – Sente humilhado	83
Gráfico 58 – O trabalho do surdo é visto pelos outros empregados.....	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SURDO: INCLUSÃO X EXCLUSÃO	18
1.1 A INVENÇÃO DA SURDEZ E A INVENÇÃO DA NORMALIDADE	20
1.2 INCLUSÃO X EXCLUSÃO.....	23
2 TRABALHO E LEGISLAÇÃO	26
2.1 O TRABALHO E SUAS SIGNIFICAÇÕES.....	26
2.2 LEGISLAÇÃO	27
2.2.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL.....	27
2.2.2 NORMAS INTERNACIONAIS E NORMAS DE LEIS NACIONAIS.....	28
2.2.3 DECRETO Nº. 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001/ CONHECIDA COMO CONVENÇÃO DA GUATEMALA	29
2.2.4 DECRETO Nº. 3.298/99 / CONCEITO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA	30
2.2.5 DECRETO Nº. 5.296/04, ART. 5º. § 1º , I, “B”. / DEFICIÊNCIA AUDITIVA	30
2.2.6 DECRETO Nº. 129, DE 18 DE MAIO DE 1991/CONVENÇÃO 159 DA OIT SOBRE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO DE PESSOAS DEFICIENTES	31
2.2.7 CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	31
2.2.8 LEI Nº. 7.853/89 / INTEGRAÇÃO SOCIAL DE INTERESSE COLETIVO .	31
2.2.9 DECRETO Nº. 3.298/99 / QUE REGULAMENTA A LEI 7.853/89 E A CONVENÇÃO.....	32
2.2.10 LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991. / CONHECIDA COMO LEI DE COTAS.....	32
3. TRABALHO E A PESSOA SURDA	34
3.1 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS	36
3.2 LIBRAS/ CULTURA SURDA.....	48
3.3 PRECONCEITO	63
3.4 TRABALHO	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

A motivação que nos impulsionou a estudar esta temática derivou de nossa prática profissional - professora de jovens surdos e ensinando em um curso profissionalizante, localizado na região metropolitana do Recife. A princípio, tínhamos a preocupação de formar jovens conscientes de seus direitos sociais; de suas capacidades pessoais; com noções operacionais; com embasamentos legais, filosóficos, sociológicas e culturais - acreditávamos que seria suficiente.

Neste contexto, não bastava a vivência dentro da comunidade surda, a fluência em Libras, nem a experiências como docente, com crianças e adultos surdos. Estes “alunos” eram jovens, com idades próximas e até iguais a nossa. Como lidar com realidades tão próximas e tão distantes? Foi necessário que se criasse um jogo de distanciamento e aproximação constante.

E num contexto extra-classe, tínhamos que enfrentar as empresas e a lei de cotas. Uma realidade que nos foi apresentada secamente. Nós que queríamos inserir um jovem qualificado no mercado de trabalho, para vagas compatíveis com a sua formação, nos chocamos. A realidade da sociedade inclusiva, não era boazinha como pensávamos.

Às vezes nós nos sentíamos num mercado de troca, onde se solicitava um produto desejado. A qualificação dos jovens pouco importava, o que estava em jogo era a deficiência. Qual deficiência ou especificações das deficiências tinha mais valor, como por exemplo: um surdo oralizado ou um surdo que escutasse.

E neste mercado, onde o câmbio de troca é o jovem em idade produtiva e de mão de obra barata nos negamos a fornecer robôs.

A escola em que acreditamos forma cidadãos, capazes de se conhecerem como sujeitos totais, completos, eficientes e capazes de realizarem todos os seus sonhos. Não estaríamos na sala de aula, se não acreditássemos neste ambiente de construção do conhecimento e desconstrução do conhecimento. E não trabalharíamos com esses sujeitos diariamente se acreditássemos na deficiência, imposta por esta sociedade dominadora, que obriga o enquadramento padronizado.

Quem defende, discrimina. A Constituição Brasileira, junto com as outras legislações, ao mesmo tempo em que defendem os direitos sociais dos cidadãos, contra a discriminação e em favor a garantia dos direitos, como o do trabalho, perdem-se em seus preconceitos e conceituam as pessoas como incapazes e

humanos anormais. Criam medidas frequenciais que compravam se a pessoa é surda ou não. E este padrão nacional de normalidade é ampliado e atinge vários âmbitos da sociedade, como: hospitais, escolas, trabalhos e até nossas casas. Desconstruir uma cultura nacional de discriminação fica complicado, pois, atinge os parâmetros referenciais das pessoas (do que é normal ou anormal).

Neste contexto, pretendemos refletir sobre questões que envolvem a surdez, o trabalho e a legislação que regulamenta o trabalho da pessoa surda.

O primeiro capítulo inicia com Paulo Freire, que diz que os problemas devem ser visto como desafios e compreendidos em seu contexto total, em um adentramento crítico e não ingênuo, que supera a compreensão ingênua. Para nós esta compreensão ingênua e com pouca profundidade é apresentada para a população com a sociedade inclusiva. Que para nós, ela - sociedade inclusiva - reforça a discriminação com suas medidas inclusivas, que reforçam as deficiências como naturezas únicas dos sujeitos, como se eles fossem humanos incompletos e incapazes. Idéias estas fortalecidas e apoiadas pela legislação.

No segundo capítulo resgatamos algumas legislações, como: a Constituição Federal (direitos sociais do trabalho e a proibição de qualquer forma de discriminação), leis e conferências que conceituam a deficiência, definem a deficiência auditiva e reservam vagas de empregos – lei de cotas, entre outras. Acreditávamos que as leis existiam para nos proteger de atos discriminatórios e assegurarem direitos básicos, para que todos os cidadãos pudessem exercer plenamente a liberdade própria da cidadania. Mas, nos deparamos com resoluções preconceituosas que menosprezam a natureza humana, inferiorizam e discriminam as pessoas e o pior, são apresentadas como defensoras justas e promotoras do bem estar de todos. Uma cultura de incapacidade contamina a população, e ainda, se cria leis de cotas que obrigam os empresários a contratarem os “deficientes”. Não despertando o interesse nesta contratação, já que, pela legislação do país eles são vistos como incapacitados e anormais.

Neste panorama, o terceiro capítulo - o trabalho e a pessoa surda – aponta informações reais coletadas em questionários, retirados da Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade. Apresenta o retrato verídico das vidas desses estudantes surdos que trabalham. Este capítulo se subdivide em 04 (quatro eixos), identificação dos sujeitos, Libras/ cultura surda, preconceito e trabalho. E a

partir das informações ilustradas por gráficos fazemos uma análise preliminar dos dados obtidos.

Com estes 03 (três) capítulos, esperamos ter refletido criticamente diante do nosso quadro social no que se refere à relação do surdo com o trabalho. De forma que nossa visão de mundo seja mais crítica e menos crédula, em relação a tudo que se pareça “bonzinho”. Nem tudo que está na lei é justo.

1 SURDO: INCLUSÃO X EXCLUSÃO

Antes de iniciarmos qualquer que seja o pensamento é preciso que nós nos debruçemos sobre o tema “o trabalho e a pessoa surda”. O que essa frase nos diz? Qual o significado dessas palavras? Mas, para que encontremos algumas respostas, é preciso que entendamos as palavras por sua totalidade, pelos seus significados em seus contextos culturais.

Para Freire (2006), este adentramento crítico e não ingênuo nos leva a compreensão profunda e total, superando a compressão ingênua, que por ser simples não nos permite a mudança, fazendo com que se permaneça na periferia. E para se ter tal visão crítica é preciso que o sujeito possa ver além do simples entendimento das palavras.

[...]a vantagem de assim proceder está em que a frase proposta se desvela ante nós em sua compreensão total. O adentramento que fazemos nela, desde um ponto de vista crítico, nos possibilitará perceber a interação de seus termos na constituição de um pensamento estruturado, que contém um tema significativo (FREIRE, 2006, p.44).

Diante do que foi dito, não desejamos aqui, permanecer na mesmice. O problema em questão deve ser visto como um desafio a ser alcançado. E não será com frases repetidas que conseguiremos a mudança. Não queremos nos prender a um marco teórico repetitivo, o que se propõe é oferecer referências para que o leitor possa ter instrumentos para que saia da posição confortável da sociedade inclusiva e passe a questionar a sociedade exclusiva.

[...] por isso, é necessário que admiremos a frase proposta para admirando-a de dentro, reconhecer que não deve ser tomada como um mero clichê. A frase, ficando assim na sua periferia, provavelmente não faremos outra coisa, ao falar do tema que ele envolve, senão um discurso de frases feiras[...] (FREIRE, 2006, p.44).

Tratar do tema da surdez abordando pontos da história, educação, identidade, cultura, multiculturalismo, ouvintismo, diferença e deficiência, não é nenhuma novidade na literatura que abrange a temática. Geralmente são autores ouvintes que escrevem sobre surdos, mas, já há alguns autores surdos que iniciam esse marco bibliográfico e histórico, surdos escrevendo sobre surdos e para os surdos. É comum

encontrarmos educadores e pesquisadores (ouvintes) que pesquisam e relatam suas práticas profissionais e dizem o que está errado ou certo para os sujeitos surdos. Na perspectiva atual, a valorização do indivíduo surdo, espera-se que eles possam ser protagonistas de suas histórias e possam escrever sobre a surdez e sobre o surdo, sugerindo, sobre suas próprias trajetórias.

Somos filhos de um Brasil-colônia, colonizador, dominador e herdamos uma cultura de poder, em que copiamos a cultura européia e menosprezamos a nossa. Onde o branco é melhor que o negro, o português é melhor que o índio, o ouvinte é melhor que o surdo, uma sociedade dos superiores e inferiores, do normal e do anormal.

Assim, precisamos discutir as relações sociais dos sujeitos surdos, dos movimentos surdos, trazendo o multiculturalismo, a valorização das diferenças culturais, como alternativa de construção das identidades dos cidadãos enquanto sujeitos (identidade, cultura e língua própria). Ressaltando, também, a visão do multiculturalismo que deve envolver o sistema educacional. Sistema este que tende a tratar o surdo como igual ao ouvinte, o surdo nesta visão é compreendido como um ouvinte incompleto, que falta um pedaço. E na cultura do “defeito”, do “normal”, “do igual” o surdo cria sua identidade em uma concepção de anormalidade.

A idéia de igualdade valoriza a desigualdade. Se o normal é ter duas pernas, dois braços, dois olhos, um nariz, escutar com os ouvidos, falar com a boca, andar com as pernas, etc. Não ter um braço, uma perna, um olho, não escutar, não falar com a boca e andar com as próprias pernas é sinônimo de anomalia. É quando surgem os sinônimos “carinhosos”, como: aleijadinho, ceguinho, mudinho, surdinho, doidinho, coitadinho, etc. Quando pensamos no surdo e afirmamos que o surdo não é igual ao ouvinte, estamos nos debruçando com um enfoque no indivíduo social – cultural – político, e não em sua condição biológica.

A cultura surda é vista numa percepção multicultural e sua construção ocorre em diferentes contextos. Não precisando, necessariamente, ser provada já que sua própria existência é vista na pessoa surda, em suas características únicas que só podem ser vistas nestes sujeitos, como: em suas experiências visuais, em seus recursos, na sua língua, em sua identidade, em sua história de luta (sofrimento e

superação). No entanto, muitas pessoas ainda perdem tempo tentando negar esta existência do surdo e da cultura, na negativa de provar que o outro não existe, porque, eles existem. Buscando a normalidade se excluem, marginalizam-se em seus próprios preconceitos e conceitos, perdendo o que há de melhor no mundo, da diversidade e da natureza dos homens.

1.1 A INVENÇÃO DA SURDEZ E A INVENÇÃO DA NORMALIDADE

Para Lopes (2007), a surdez é uma invenção, não a surdez contida em um corpo, mas a surdez que se coloca sobre o sujeito que não ouve (condição cultural). A autora sustenta esta idéia através de uma visão antropológica, na qual toda a visão tida sobre a surdez é constituída num âmbito cultural, construídas e associadas nas diversas dimensões do campo (clínico, jurídico, religioso, filosófico, educacional, etc.). Não havendo possibilidades de comparações entre narrativas de surdez produzidas a partir destes campos, porque elas não se propõem a eliminar umas das outras. Assim, não há nada o que se possa dizer sobre a surdez que não esteja vinculado a um conceito cultural. Logo, associado à cultura do normal, se faz interpretações e representações que formulamos através de um conjunto de conceitos e justificativas (dados culturais), para entender aquilo que somos e entender o que o outro é.

A ciência, no desejo de produzir conhecimentos capazes de explicar o desconhecido, inventou a surdez através dos níveis de perda auditivas, das lesões no tímpano, dos fatores hereditários herdados e adquiridos. [...] na clínica, terapias de fala, aparelhos auditivos, técnicas diversas de oralidade foram desenvolvidas com a finalidade da normalização. Na família a busca por especialistas, a dedicação integral dos filhos com surdez e a inconformidade pela falta de audição. [...]. A igreja, confissões, sentimentos de culpa, pecado, tolerância e solidariedade com aquele que sofre [...]. Na justiça, as mobilizações por salários e por direito a ser reconhecido – ora como diferente, ora como deficiente, ora como sujeito de risco, ora como sujeito “normal”. Na educação [...] a surdez como deficiência que marca um corpo determinando sua aprendizagem é inventada através do referente ouvinte das pedagogias corretivas, da normalização [...] e de todos aqueles que não se enquadram em um perfil idealizado da normalidade (LOPES, 2007, p.8).

Idealizou-se um perfil, uma fórmula humana de normalidade e logicamente para aqueles que não se enquadram no desejado, resta a decepção da anormalidade e inferioridade. Em uma sociedade categorizada pelos normais, tudo precisa ter rótulo para poder ser identificado, restando para os não eficientes, denominações, como: portadores de necessidades especiais, excepcionais,

deficientes auditivos, dentre outras denominações patológicas oferecidas aos sujeitos “deficientes”. E como os normais são bons e superiores eles incluem o que eles excluem dentro de um círculo de exclusão, através de uma ilusão de suas próprias denominações. E na supremacia do normal, se determina qual a melhor política, melhor educação, melhor divertimento para os anormais que não são capazes de saber o que é melhor para si. Passam as décadas e as classes dominantes continuam manipulando e segregando a informação, dizendo o que pode e o que não pode ser feito.

A invenção do “normóide”, fruto da ideologia dominante do normal, gerada historicamente na conjunção das classificações médicas biológicas, das práticas clínicas homogeneizadoras e das políticas públicas de discriminação, é hoje negada e encoberta nos discursos liberais da diversidade e da inclusão social. Ao defender a diversidade como princípio e a inclusão social como política, reafirmar-se a ideologia do normal e não feita nenhuma ruptura epistemológica, pois o outro continua sendo definido como deficiente e continua sendo narrado no discurso da falta, da anormalidade (LONGMAN, 2007, p.28).

Para Longman (2007), a sonhada sociedade inclusiva, na qual todos vivem em harmonia respeitando as diferenças\deficiências, é um sonho falso. Porque na verdade o que acontece é que os “normais” ressaltam suas normalidades diante das diferenças e deficiência dos sujeitos, que circulam em pequenos espaços inclusivos, concedidos para aos excluídos. Garantindo assim o ideal da normalidade, encobrindo a construção epistemológica da deficiência e,

[...] nessa aldeia global, todos são bonzinhos; na sociedade inclusiva, todos serão respeitados [...] e os normais serão mais humanos, mais cordiais, e realizarão o sonho de um mundo unido unificado e global [...] a ideologia da inclusão, uma das faces da ideologia do normal, faz parecer que todos são incompetentes por não conseguirem transformar todos em iguais... (LONGMAN, 2007, p.29-30)

[...] à sociedade inclusiva, definida pelo princípio: “todas as pessoas têm o mesmo valor”. E assim trabalhariam juntas, com papéis diferenciados, dividindo igual responsabilidade por mudanças desejadas para atingir o bem comum. [...] Na sociedade inclusiva ninguém é bonzinho. Ao contrário. Somos apenas – e isto é suficiente – cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos parece ser. Inclusão é, primordialmente, uma questão de ética (WERNECK, 2009, p. 21).

O quê essa citação acima significa? É uma afirmação? Ou uma confirmação que Longman afirmou em 2007. Realmente vivemos em uma aldeia global, as idéias circulam e as pessoas se iludem, num mesmo discurso piegas da ideologia do normóide. “a vida de nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos

parece ser“. Apenas gostaríamos de saber diferente de quem? Ou quais os parâmetros obtidos como referências de diferença? Na verdade, nessa frase a autora afirma que o sujeito é diferente de um padrão, o da normalidade.

Sendo assim, deficiência é uma consideração dada pelo outro, pelo o que o outro é, através de uma concepção cultural padronizada de normalidade, que é sustentada por uma ilusão de sociedade inclusiva globalizada, gerando um ciclo de discriminação e violência à integridade humana.

Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional especial que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a exigência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos (SKLIAR, 2005, p.7).

Thoma (2005), diz que nesses últimos séculos, todos esses discursos eram epistemológica legitimados pela sociedade científica e institucional e por esta razão raramente era ou é questionada. Mas, que atualmente a comunidade surda está defendendo uma inversão epistemológica, que consiste, por exemplo, em considerar o corpo do ouvinte algo não desejado. Quando os ouvintes negam a existência de uma configuração epistemológica, os surdos defendem sua cultura invertendo epistemologicamente os valores. “[...], por exemplo, em situações como a de pais e mães surdos\as que preferem gerar filhos também surdos [...]” (THOMA, 2005, p.57).

Essa inversão epistemológica sobre a surdez e os sujeitos surdos nos convoca a entendê-los como sujeitos culturais, constituídos de traços identitários múltiplos, com exclusões sociais, históricas e políticas que não são, senão determinadas pela lógica moderna de estabelecimento da ordem das coisas, dos lugares de in\exclusão que auditiva se discute num parâmetro biológico ou\audiométrico vão sendo configurados para cada um (THOMA, 2005, p.58).

Quando a comunidade surda assume tal posicionamento de inversão epistemológica, deseja demonstrar e reivindicar o direito de serem autores de suas histórias, de seus direitos sociais e políticos e de optarem pelo que é melhor para sua comunidade. Pondo fim, as diversas obras que traduzem de maneira equivocada: como os surdos aprendem português escrito; como os surdos aprendem a língua de sinais; como deve ser a educação de surdos, etc. Por

exemplo: os surdos diferenciam as pessoas em: surdos e ouvintes (uma questão lingüística), já os ouvintes diferenciam por uma condição de perda, deficiência auditiva, se discute num parâmetro biológico e/ou audiométrico. A comunidade surda deseja ser vista e discutida a partir de suas configurações culturais (identidade, língua de sinais, história, experiências visuais, etc.).

E quando se trata do trabalho, esta visão de anormalidade também é carregada consigo. Como sabemos, existe uma vasta legislação que “assegura” alguns direitos como o da não discriminação, igualdade de direitos e contratação nas empresas. No entanto, antes de refletirmos sobre a legislação vigente, precisamos entender um pouco sobre a visão de trabalho e seus significados que será usado como parâmetro referencial.

1.2 INCLUSÃO X EXCLUSÃO

“Os surdos, sempre e em toda parte, foram vistos como "deficientes" ou "inferiores"? Terão sempre sido alvo, deverão sempre ser alvo de discriminação e isolamento? é possível imaginar sua situação de outro modo? Que bom seria se houvesse um mundo onde ser surdo não importasse e no qual todos os surdos pudessem desfrutar uma total satisfação e integração! Um mundo no qual eles nem mesmo fossem vistos como "deficientes" ou "surdos" (SACKS, 2002, p. 44).

Sacks (2002) aborda a desconstrução da cultura do anormal com outra proposta - uma proposta que para nós parece ser utópica, mas que seria fundamental para a existência de um mundo melhor. Um mundo, onde as pessoas não são adjetivadas com palavras que causam discriminação e isolamento. Um ideário humanista e que inverte um pouco os papéis, para que tenhamos a possibilidade de imaginarmos uma sociedade sem inclusão e exclusão, sem normais e anormais, sem surdos e ouvintes, onde, as pessoas são apenas pessoas.

A discriminação separa os iguais dos diferentes e diferencia o que não deveria ser diferenciado. Pois, se pensarmos na diferença natural do homem, as diferenças não seriam ressaltadas como identificação e diferenciação, já que é natural. Logo, o mundo seria mais feliz se não houvesse esse tipo de diferenciação, entre iguais e diferentes.

Bartolotti (2006), diz que para nós entendermos o outro como diferente, precisamos compreender os parâmetros socialmente estabelecidos, que definem o que é igual e o que é estabelecido como aceitável como diferença. E tudo o que é diferente, diferente do padrão do normal se torna adjetivado para ter sua diferença explicada.

Na sociedade do normal, se oferece oportunidades de transformações para adequação. Mas, nem tudo que é determinado como diferença ou deficiência pode ser transformado/reabilitado; nem toda surdez pode ser revertida ou amenizada com próteses ou implante coclear.

... assim as pessoas com deficiências nunca estariam prontas para se adaptar totalmente a sociedade (ou às exigências que esta apresenta) ou para nela competir em pé de igualdade, dentro de um sistema competitivo que compara performances em vez de valorizar as capacidades individuais (BARTOLOTTI, 2006, p. 21).

Trata-se de mobilização de ordens médicas e asseguradas por alguns instrumentos científicos e/ou legais, em prol da reabilitação para a readaptação/inclusão social, que objetiva a eliminação ou amenização das diferenças, que nem sempre podem ser eliminadas. Criam uma situação em que as pessoas passam suas vidas na espera da tão sonhada inclusão readaptada, o que pode não chegar nunca.

Segundo Bortolotti (2006), para entendermos esses "mecanismos de organização social", precisamos compreender as relações de inclusão - exclusão. Para a autora, não há exclusão e nem inclusão, pelo simples fato que não se pode incluir o que já está incluído. Na verdade a exclusão vista como vilã dos processos inclusivos coloca a inclusão como salvação e solução para os excluídos. Para Bortolotti, não existe uma "relação direta de causa e efeito".

...é possível afirmar que o fato de que alguém estar excluído de algum espaço significa, então que não pertence a este, mas, com certeza, pertence a algum outro, no qual se inclui - quem está vivo está sempre incluído em algum lugar ou em alguma situação. A questão é que essas inclusões nem sempre são favoráveis ao desenvolvimento das pessoas, à sua sobrevivência (BARTOLOTTI, 2006, p. 9).

Nesta situação, a inclusão na verdade é uma ilusão da ideologia do normal,

que se reafirma bondosamente a partir das “deficiências” reafirmadas em seus processos inclusivos. Dizer que o sujeito é excluído sem dizer de qual ambiente ele está incluído é de certa forma, encobrir uma compreensão total e real da situação exposta. Por exemplo, nem todo surdo é excluído, nem todo surdo tem dificuldade de inserção do mercado de trabalho, nem todo surdo foi discriminado e nem todo surdo tem orgulho de ser surdo. O que não pode ser feito é uma generalização de fatos.

A exclusão e a inclusão, não é algo imposto acidentalmente, mas, elas nascem a partir de uma conjuntura/estrutura social, de valores ideológicos - culturais – político e históricos, que são legitimados através das relações entre os indivíduos e de seus instrumentos de legitimação (leis, teorias, etc.). Inclusão nada mais é do que a democratização ideológica; libertação da natureza humana; desconstrução dos conceitos dados como valor de exclusão.

Se não existisse nem inclusão, nem exclusão, todos nós seríamos mais felizes. Não haveria a separação do joio e do trigo, porque todos seriam boas sementes, cresceriam juntas e semeariam o mundo. Não haveria o bom nem o inimigo.

Ressaltamos que não desejamos um mundo de igualdade, harmonia e uniformidade. O que sonhamos, utopicamente, é com uma sociedade com “ervas” diferentes que, por serem diferentes, são boas.

2 TRABALHO E LEGISLAÇÃO

2.1 O TRABALHO E SUAS SIGNIFICAÇÕES

O trabalho possui diferentes significações, suas alterações irão depender de qual concepção que se pretende abordar (econômico, jurídico, trabalhista, religioso, filosófico, cultural, etc.). Seus significados estão interligados através de uma herança cultural, na qual nós vamos absorvendo através das gerações.

Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila. Às vezes, carregada de emoção. Lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura (ABORNOZ, 2004, p.8).

Para Abornuz (2004), os significados do trabalho são diversos e não vão se esgotar, porque em cada região do mundo se vive uma cultura diferente, o que iria também diferenciar nos conceitos das palavras. E como o trabalho é uma ação humana é compreensível tal oscilação de significados.

Encarando sob o prisma da concepção humana, o trabalho tem um caráter pessoal, constituído um ato da vontade livre do homem; tem um caráter singular, na medida que traduz uma expressão do valor e da personalidade de quem o executa. O trabalho atua como meio de subsistência, de acesso à propriedade, e cumpre um conjunto de funções sociais. Em conseqüência, ele representa um ponto de reflexão singularmente característico pela sua transcendência social [...] o trabalho é uma atividade humana que pressupõe esforço físico ou mental (BARROS, 2006, p. 50-51).

Para Barros (2006), o trabalho vem sendo conceituado como “atividade consciente e voluntária do homem, dependendo de um esforço”, ou como “uma obra moral de um homem moral”; quanto ao econômico “toda energia humana empregada, tendo em vista um esforço produtivo; ao jurídico o trabalho é considerado como objeto de uma prestação devida ou realizada por um sujeito em favor de outro” e, finalmente ao ponto de vista jurídico-trabalhista, o trabalho é uma prestação de serviço que não é eventual, é onerosa e existe uma relação contratual entre o empregado e o empregador.

Entender o trabalho como uma atividade livre, própria de uma ação cultural do homem que cumpre um papel na sociedade, podendo ser um esforço mental ou físico já seria o suficiente para darmos continuidade ao nosso trabalho. No entanto,

nós apresentaremos alguns pontos históricos para compreendermos alguns dizeres populares, que são decorrentes do passado, mas, que se repetem no contexto contemporâneo, como: punição, castigo, suor do rosto ou merecimento.

Em Albornoz (2004), quando se trata de cultura européia, o trabalho tem mais de um significado. Por exemplo: na Grécia existe uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto ao ócio e também oferece o significado de pena, próximo a fadiga.

Barros (2006) descreve a idade clássica, do mundo grego-romano, e o tratamento que se dava ao trabalho, no sentido material. Reduzido a uma coisa, o trabalho era negociado como um objeto de poder e de negociação, o que possibilitou a escravidão. Naquela época para o sujeito ser considerado escravo era preciso ter algumas condições como: nascer de mãe escrava, ser prisioneiro de guerra, não ter cumprido com as obrigações tributárias, ser condenado penalmente, dentre outras.

Neste sentido, a sociedade grega possuía dois tipos de sujeitos, os livres e os escravos e os trabalhos eram divididos a partir de uma dessas duas condições. Para os sujeitos livres, existia o trabalho intelectual e para escravos restava o trabalho braçal, acreditava-se que os escravos não possuíam a capacidade de pensar.

[...] nessas circunstâncias, o escravo enquadrava-se como objeto do direito de propriedade, não como sujeito de direito, razão pela qual tornou-se inviável falar-se de um Direito do trabalho enquanto predomina o trabalho escravo (BARROS, 2006, p.51) .

Pois, para se falar de Direito do Trabalho é preciso que haja dois sujeitos de direitos, se não existir uma dessas partes não há relação jurídica. Nessas circunstâncias, em que não existia nenhum tipo de contrato de trabalho, nem relação empregado e empregador, nós só iremos poder falar de direito do trabalho um pouco mais tarde. Quando abordaremos os direitos constitucionais dos sujeitos e da lei de cotas que obriga as empresas a reservarem um percentual de vagas para as pessoas com “deficiência”.

2.2 LEGISLAÇÃO

2.2.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Não seria possível iniciarmos uma reflexão sobre qualquer se seja a legislação sem antes resgatarmos a Constituição Federal, promulgada em 1988, que nos oferece subsídio para garantia dos direitos sociais básicos dos cidadãos e o exercício pleno de liberdade. Tendo como princípio a igualdade e o tratamento idêntico perante a lei.

São direitos sociais, a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, dentre outros, garantidos constitucionalmente conforme prevê o seu Art. 6º. Sendo dever do Estado, assegurar que todos tenham acesso a esses direitos, garantindo e promovendo os direitos de justiça, que tem como objetivo diminuir as desigualdades sociais dos cidadãos, como condições imprescindíveis para o gozo dos direitos.

A Constituição também prevê em seu Art. 3º, IV, a promoção do bem de todos, sem que haja preconceito de qualquer origem: raça, sexo, cor, idade, ou quaisquer outras tentativas de discriminação.

No entanto, sabemos que a discriminação acontece deliberadamente. Tendo como defesa do Estado, uma vasta publicação de decretos e leis, que vigoram em defesa dos cidadãos. Mas, o acúmulo de leis não erradica com a discriminação e nem os direitos sociais que não negados, como o direito do trabalho.

2.2.2 NORMAS INTERNACIONAIS E NORMAS DE LEIS NACIONAIS

Normas internacionais são aceitas no Brasil e foram devidamente oficializadas. Estabelecem conceitualmente as deficiências e determinam que pela deficiência a pessoa esteja incapacitada para exercer atividades normais e que por serem incapazes possuem dificuldades de inserção. Elas conceituam a deficiência, como uma norma e proteção legal e determinam quando a pessoa pode ser considerada como deficiente físico, mental, sensorial ou múltipla. Eles assumem uma visão médica, laudo médico que determina a deficiência do sujeito, que é assegurada com base legal.

Segundo Brasil (2006), outros países como em Portugal, Espanha, França, Itália, Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, Irlanda, Reino Unido, Argentina, Colômbia, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Uruguai, Venezuela, Estados Unidos da América, Japão e China, desenvolvem em suas nações: cotas e reservas de vagas de emprego; promoção do emprego; outras não reservam as vagas, mas determinam orientações que favorecem esta contratação; outras

oferecem benefícios e inserção de tributos para as empresas que contratam, dentre outras determinações.

Como percebemos, os países estão realizando ações individual e internacionalmente para que as pessoas com deficiência não permaneçam na periferia social.

O que precisa ser visto e revisto é que a legislação com o intuito de acabar com a discriminação reforça este preconceito em suas regulamentações e artigos. Muitas vezes, eles reconhecem a natureza humana, que é diferente. Contudo, ressaltam o direito à igualdade, que se funde e se mistura com a condição natural de ser diferente.

A categorização médica que determina a deficiência é uma forma de rotulação que é exigida para a preservação dos direitos legais. Os direitos, muitas vezes, só são conseguidos com a comprovação médica da deficiência.

A legislação “obriga” a contratação de sujeitos “incapazes”. Pune toda a forma de discriminação, mas, favorece a proliferação social da discriminação. Se os sujeitos são reconhecidos legalmente como incapazes, de que maneira os empresários irão interessar-se por uma mão de obra “defeituosa”?

Nós acabamos usando a legislação como aparato legal de defesa devido as nossas “poucas” armas. Fazer uma militância em prol do segmento é difícil, pois, enquanto afirmamos as potencialidade e eficiências dos sujeitos, a legislação afirma sua deficiência.

Todavia, precisamos conhecê-las para usá-las ao nosso favor. Por essas razões, foram selecionadas algumas bases legais que serão utilizadas como marco legal em defesa de nossos interesses.

2.2.3 DECRETO Nº. 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001/ CONHECIDA COMO CONVENÇÃO DA GUATEMALA

Esse decreto promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Mas, conceitua a deficiência para “forma de proteção legal”.

No primeiro artigo, define-se a deficiência como uma restrição física, mental ou sensorial, permanente ou transitória, que incapacita a execução de atividades da vida. E a discriminação contra as pessoas “portadoras de deficiência” significa toda

e qualquer forma de diferenciação, exclusão, restrição correlacionada à deficiência que impeça o exercício pleno destas pessoas de gozarem de sua liberdade e de seus direitos fundamentais.

2.2.4 DECRETO Nº. 3.298/99 / CONCEITO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Para este Decreto a deficiência é entendida conforme as especificações abaixo:

- I. deficiência – toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano;
- II. deficiência permanente – aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos;
- III. incapacidade – uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem-estar e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida (BRASIL, 2007, p. 21).

Tanto o Decreto nº. 3.956/01/ Guatemala, quanto o Decreto nº. 3.298/99 conceituam a pessoa com deficiência com o objetivo de proteção legal, inclusive, para reserva de vagas/cotas. No entanto, esta reserva legal de proteção, incapacita a pessoa ao exercício de atividades normais. Trata-se de um conceito que denomina o indivíduo como anormal comparado a um padrão humano, como se a pessoa que fosse surda, cega, etc., não fosse humana.

2.2.5 DECRETO Nº. 5.296/04, ART. 5º. § 1º , I, “B” . / DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Define a deficiência auditiva como perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Esta definição da deficiência auditiva segue um padrão médico, patológico, o que desconsidera a constituição cultural e social deste sujeito. Focando apenas as percas e as deficiências. Exigidos em comprovações legais da deficiência.

2.2.6 DECRETO Nº. 129, DE 18 DE MAIO DE 1991/CONVENÇÃO 159 DA OIT SOBRE REABILITAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGO DE PESSOAS DEFICIENTES

No contexto geral a convenção diz que as pessoas com deficiência possuem possibilidades reduzidas devido à deficiência e por esta razão sofrem dificuldades de obter, conversar e progredir no emprego. Dessa forma, os países membros devem considerar esta situação, permitindo que as pessoas deficientes conservem o emprego e se integrem ou se reintegrem na sociedade. Favorecendo a política da igualdade de oportunidades entre as pessoas deficientes e as não deficientes. Respeitando a igualdade de oportunidades e de tratamento para as trabalhadoras de um modo geral.

2.2.7 CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Esta convenção abrange as questões médicas que categorizam as deficiências, já utilizadas nas outras convenções e envolvem as questões sociais. Como a “educação inclusiva”, que no caso dos surdos não é bem aceita, porque, nesta modalidade questões específicas que envolvem a natureza da pessoa surda não são valorizadas, como a cultura, identidade, Língua, etc. A Libras, nesta situação é posta apenas como um meio de comunicação e transmissão de conhecimento entre professores e alunos, através de um intérprete. Como sabemos a educação de surdos supera a questão lingüística, envolve questões de identidade e cultura. A formação educativa, nas salas inclusivas, toma como base metodológica a educação para ouvintes, o que fragiliza a formação total do sujeito surdo.

2.2.8 LEI Nº. 7.853/89 / INTEGRAÇÃO SOCIAL DE INTERESSE COLETIVO

Art. 2º Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico (BRASIL, 2007, p.18).

Na área da formação profissional e do trabalho, a lei institui que o governo deve apoiar a formação profissional. E que o Poder Público, deve se empenha para a garantia e surgimento de empregos, inclusive de tempo parcial, promovendo ações que insiram as “pessoas portadoras de deficiência” nos setores públicos e privados.

E adesão de uma legislação que reserve empregos no mercado de trabalho, em favor das “pessoas portadoras de deficiência”.

2.2.9 DECRETO Nº. 3.298/99 / QUE REGULAMENTA A LEI 7.853/89 E A CONVENÇÃO

O Decreto nº. 3.298/99 em seu Art. 5º aborda a questão da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, em harmonia ao Programa Nacional de Direitos Humanos. Tendo como princípios, o desenvolvimento de ações conjuntas entre o estado e a sociedade civil, como intuito de assegurar a integração do deficiente; de estabelecer o direito do pleno exercício dos direitos fundamentais, conforme contém na Constituição e nas leis e respeito aos direitos de igualdade de oportunidade na sociedade, “sem privilégios ou paternalismo”.

2.2.10 LEI Nº 8.213, DE 24 DE JULHO DE 1991. / CONHECIDA COMO LEI DE COTAS

Esta lei estabelece que as empresas reservem obrigatoriamente, uma cota de seus cargos para as pessoas com deficiência. Por esta razão ficou conhecida como a lei de cotas.

A reserva legal é calculada conforme o número de empregados já contratados. Conforme estabelecido no art. 93, desta lei, é preciso que se respeitem as seguintes proporções, conforme ilustrado abaixo.

QUADRO 1: COTAS CONFORME ESTABELECE O ART. 93 DA LEI Nº 8.213/91:

I - de 100 a 200 empregados	02%
II - de 201 a 500	03%
III - de 501 a 1.000	04%
IV - de 1.001 em diante	05%

Fonte: BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. A inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, Brasília, 2007. P. 20.

O Ministério do Trabalho e Emprego, junto com seus auditores fiscais das DRT's - Delegacia Regional do Trabalho - fiscalizam as empresas quanto ao

cumprimento da Lei de Cotas. Aos auditores fiscais cabe penalizar, como um ato de infração, a imposição de uma multa administrativa e encaminhar um relatório ao MTE - Ministério do Trabalho e Emprego -.

Esta multa é prevista pelo art. 133 da Lei nº. 8.213/91/ Lei de cotas e calculada conforma estabelece a portaria 81.199/03, e calculado pelo Art. 2º. Conforme o que a lei estipula, as multas variam de R\$1.195,13 a R\$119.512,33.

Por exemplo: a empresa que possui de 100 a 200 empregados multiplicar-se-á o número deficientes ou reabilitados que deixaram de ser contratados pelo valor mínimo legal, acrescido de 0% à 20%; a empresa que possui de 201 a 500, multiplicar-se-á o número deficientes ou reabilitados que deixaram de ser contratados pelo valor mínimo legal, acrescido de 20% a 30%; a empresa que possui de 501 a 1.000, multiplicar-se-á o número deficientes ou reabilitados que deixaram de ser contratados pelo valor mínimo legal, acrescido de 30% a 50%; a empresa que possui de 1.001 em diante, multiplicar-se-á o número deficientes ou reabilitados que deixaram de ser contratados pelo valor mínimo legal, acrescido de 50%.

3. TRABALHO E A PESSOA SURDA

A Especialização em Estudos Surdos, pela qual estamos apresentando este trabalho monográfico, concluindo o referido curso, foi oferecido pela Faculdade Santa Helena e coordenada pelo Centro Suvag de Pernambuco, havendo um convênio junto à Secretaria Estadual de Educação que colaborou financeiramente. Os alunos da Especialização, em sua maioria, eram bolsistas, professores de alunos surdos, da rede estadual de ensino, com um percentual menor composto por professores de escolas particulares (surdos e ouvintes educadores da área) e professores de ONGs. No decorrer do curso, se propôs que todos os integrantes, realizassem uma pesquisa coletiva, com o intuito de traçar melhor o perfil dos surdos da Região Metropolitana do Recife. A Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade - favoreceu uma produção autêntica na área dos estudos surdos, pois, os pesquisadores foram a campo e puderam se aproximar e se distanciar do objeto de pesquisa o que determinou na qualidade das produções.

E com os dados da referida pesquisa foi possível realizar os trabalhos monográficos. Traçando um perfil atual do surdo pernambucano envolvendo os âmbitos educacionais, familiares, sociais, econômicos e culturais, que foram categorizados através dos questionários que atingiu estudantes, professores e pais dos estudantes surdos.

A pesquisa obedeceu a todos os critérios éticos e, portanto, deve ser considerada como um material confiável cientificamente. A UFPE - Universidade Federal de Pernambuco -, em seu Comitê de Ética em pesquisa, aprovou a pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade - a partir do registro de número: CEP/CCS/UFPE: Nº. 319/08. Conforme a resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996, exigida pelo Ministério da Saúde - qualquer pesquisa que engloba seres humanos deve ser avaliada pelo Comitê de Ética.

Com o levantamento das informações, os estudantes do Curso de Especialização em Estudos Surdos, puderam utilizar as informações coletadas para produzirem suas monografias individuais. Para este nosso trabalho foram selecionados 12 (doze) estudantes surdos que trabalham. A análise dos dados será

divida em 04 (quatro) eixos: identificação do sujeito, cultura e Libras, preconceito e trabalho.

O primeiro eixo será referente à identificações dos sujeitos, como: sexo, idade, cor, religião, estado civil, com quem mora, onde mora, se usa Libras, se trabalha, se sabe a causa da surdez, gosta de ir ao cinema, de ler, revista ou jornal.

No segundo eixo, nós iremos trabalhar a questão da Libras e da cultura surda - queremos saber se este sujeito não só usa a Libras, mas se ele faz parte da comunidade surda e da cultura surda, constituindo assim a identidade surda. Então, abordaremos: o uso da Libras, se sonha em Libras, se o professor contava histórias em Libras, se já viu DVD em Libras, já fez teatro, já cantou coral em libras, participa de grupos culturais, já leu algum livro escrito por surdo, música feita por surdos, luta para que os filmes sejam legendados, se já viu filme ou peça de teatro com atores surdos, já foi a algum congresso de surdos ou sobre surdos, se sabe o que é cultura surda, se vai a ASSPE, participa do dia do surdos, tem amigos surdos.

O terceiro eixo está focado no preconceito, abordando questões como: qual o sentimento mais difícil que sujeito já sentiu, qual o significado de ser surdo, se usa prótese, se frequenta fonoaudióloga, se sabe o significado da cirurgia de implante coclear, se conhece algum surdo que já fez a referida cirurgia, se já foi discriminado, se queria se ouvinte, se tem orgulho de ser surdo ou sente vergonha.

No quarto e último eixo, trataremos, especificamente, do trabalho. Temos as seguintes questões: se ele acredita que o surdo tem oportunidade de trabalho, onde trabalha, se tem carteira assinada, qual sua renda, se recebe benefício, como o surdo é visto no local de trabalho, se tem um bom desempenho, se é discriminado e por quem, se já foi humilhado e como os empregadores percebem o surdo no trabalho.

Essas são algumas das questões que acreditamos serem importantes para que tenhamos um perfil pessoal e profissional, desses sujeitos surdos que trabalham. Gostaríamos de saber, se estes sujeitos se reconhecem como sujeitos culturais com identidade própria; se reconhecem o meio real em que vivem; se acreditam que são sujeitos totais capazes de exercer funções importantes por serem eficientes e não incompletos incapazes de trabalhar se conformando com sub-empregos.

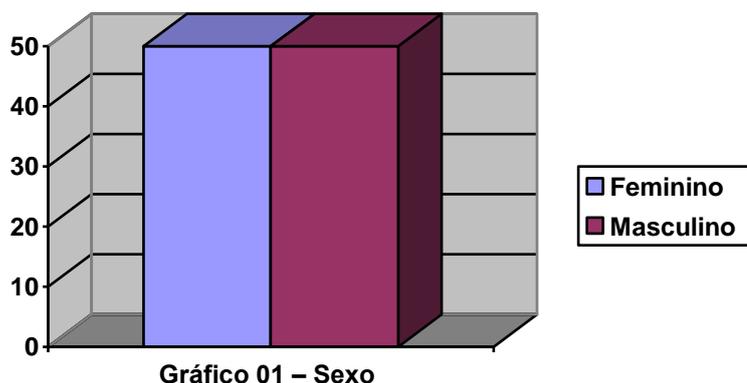
3.1 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS

Conforme os dados coletados e ilustrados nos gráficos, percebemos informações básicas para darmos continuidade ao nosso estudo. Com este perfil de identificação, saberemos que não há nenhuma disparidade quanto ao sexo dos sujeitos, existindo a mesma quantidade entre homens e mulheres; e que em sua maioria são surdos de nascença; da cor parda; jovens; solteiros; não possuem filhos e residem no município de Recife, Olinda e Jaboatão do Guararapes, nesta ordem. Todos eles usam Libras – Língua brasileira de Sinais -, trabalham e o nível de escolaridade é equilibrado, tanto no nível fundamental II, quanto no médio e universitário. Conforme o Gráfico 12, a maioria reside com os pais, em casa própria e são praticantes da religião católica, possuem hábitos como os da leitura de revistas e jornais e vão pouco ao cinema.

Com as informações analisadas, vemos que os surdos possuem hábitos comuns a quaisquer outros indivíduos e até se enquadram num padrão de normalidade. Chega a ser irônico, em uma sociedade padronizada em termos de normalidade, “anormais”, se apresentam mais “normais” do que os ditos “normais”. E o interessante é que o perfil aqui apresentado dos surdos que trabalham, não apresenta nenhum dado surpreendente. Como sabemos o mercado de trabalho dá preferência a pessoas jovens, discrimina as pessoas com idades elevadas e as pessoas por suas origens de cor, raça e etnia; como poderemos perceber no Gráfico 2 - Idade; e Gráfico 3 – cor, raça e etnia.

Com a caracterização do perfil acreditamos que os sujeitos surdos estão buscando a emancipação da situação de periférico, excluídos em suas residências. A mudança está interligada através da educação e da informação, com a elevação da escolaridade e de hábitos de leitura, na busca pela transformação. Passando a circular nos espaços sociais, o que seria improvável há alguns anos atrás, os jovens surdos - aqui caracterizados - assumem um papel fundamental para a economia nacional, tendo muito a dar tanto economicamente, quanto culturalmente. A situação de excluídos e beneficiários é coisa do passado, e o governo deve incentivar a elevação da escolaridade e participação na economia através do emprego, oportunizando assim o exercício da cidadania dos surdos em todos os espaços sociais.

Gráfico 1 – Sexo

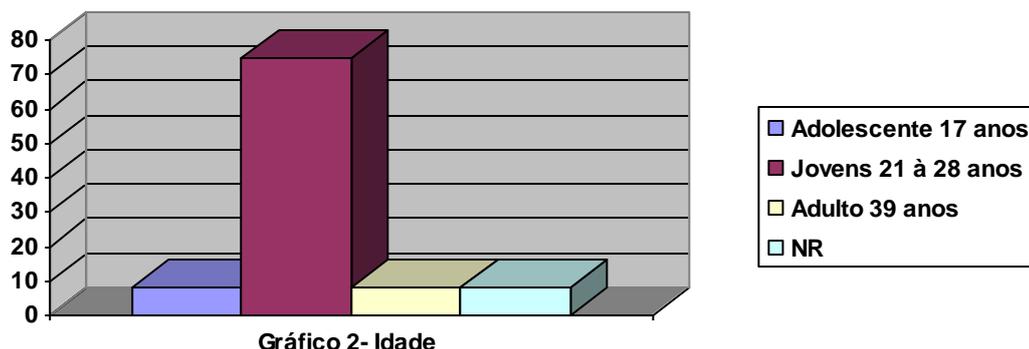


Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

É importante identificar em uma pesquisa relacionada ao trabalho, o gênero (masculino ou feminino), pois, poderemos saber diante deste universo se existem mais homens do que mulheres trabalhando, o que nos ofereceria, por exemplo, saber se o machismo ainda prevalece na seleção de funcionários, havendo então alguma forma de preferência ou discriminação. Em nosso caso é possível perceber que isso não ocorre, porque diante do quadro acima encontramos um percentual harmonioso, 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. O que nos dá a entender que o sexo do empregado não é relevante para uma suposta contratação.

Atualmente, as mulheres surdas de Pernambuco estão se unindo e discutindo questões relacionadas ao gênero. Em 28 de setembro de 2008, houve o 1º Encontro - Lideranças das Mulheres Surdas de Pernambuco, no qual, ocorreu um ciclo de debates com temas referentes às mulheres, por exemplo: Violência; sexualidade; Drogas; Cultura Surda; Esportes; etc. O que fortalece a categoria enquanto gênero e enquanto comunidade surda.

Gráfico 2- Idade



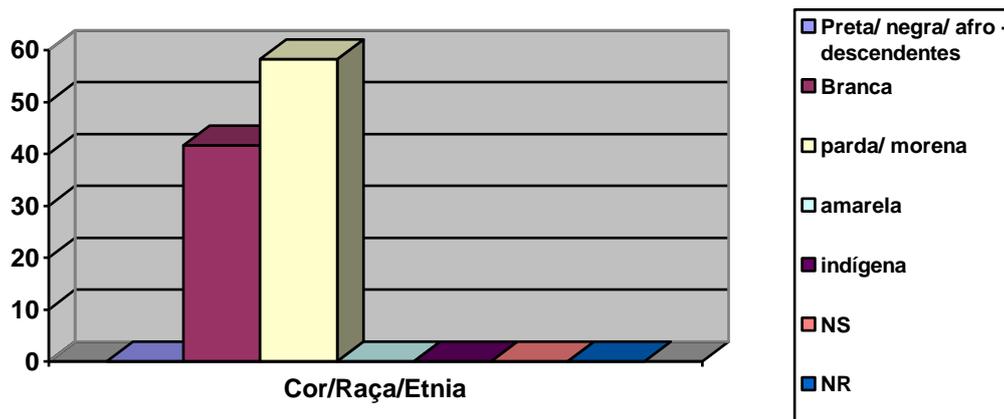
Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Diante da faixa etária exposta no gráfico acima, se percebe que os sujeitos são jovens em sua maioria, com idades informadas de 21 a 28 anos (vinte e um a vinte e oito), o mesmo que 75%, o que demonstra que há um número considerável de indivíduos jovens em idade produtiva na ativa. Foi percebido também que 01 (um) dos entrevistados tem 17 anos (dezessete), o mesmo que 08,3%, o que é proibido por lei, a não ser que este estivesse em condição de aprendiz, o que não é o caso. E apenas 01 (um) sujeito com 39 anos (trinta e nove), o mesmo que 08,3% o que nos faz questionar e constatar, que uma tendência do mercado atual - resistência na contratação de pessoas com idade mais elevada - se estende também na contratação das pessoas surdas. Um retrato claro desta situação é a visualização do Gráfico 2 que demonstra uma monstruosa disparidade.

Uma reflexão necessária, surdo idosos, onde se refugiam? Esta seria uma questão que abriria brechas para outro trabalho científico. Hoje, só pudemos supor que talvez estes sujeitos estejam reclusos em suas moradias, vivendo da dependência dos familiares ou recebendo algum tipo de benefício. Com pouca, ou quase nenhuma participação na comunidade surda.

Obs: 01 (um) dos indivíduos entrevistados não informou a idade no momento da entrevista, portanto, foi considerado como 08,3%.

Gráfico 3 – Cor/Raça/Etnia

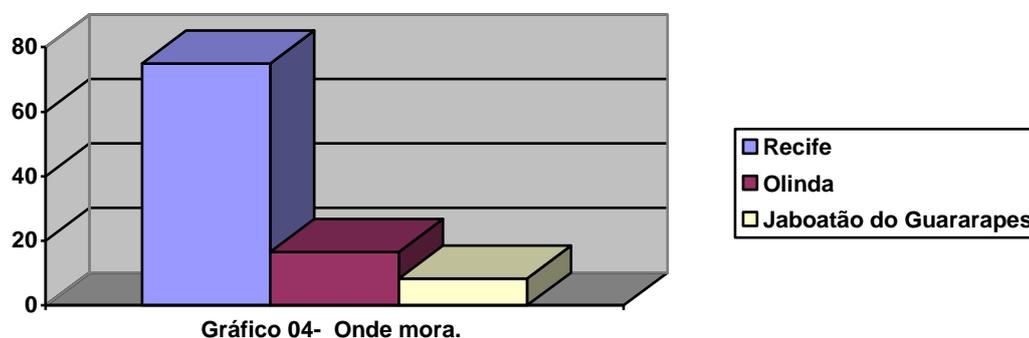


Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Saber a cor que o sujeito se percebe, também é importante, já que neste caso o entrevistador não diz qual a cor do entrevistando. Esta questão de raça e etnia nos parecer ser pouco relevante quanto a nossa temática (trabalho e surdez), no entanto, acreditamos que este dado é importante. Porque o preconceito no Brasil está enraizado em nosso contexto cultural, mesmo diante da luta dos grupos afro-descendente e da legislação que vigora no nosso país, que buscam acabar com toda e qualquer forma de discriminação. É importante ressaltarmos para os leitores que a pessoa surda não está isolada em seu segmento, em sua comunidade. Na verdade os surdos fazem parte da sociedade, como um todo e não é “portador” apenas de sua suposta deficiência, mas carrega consigo outras formas de discriminação, como o preconceito racial. Infelizmente podemos comprovar este fato no Gráfico 3 acima, como percebemos no universo de 12 (doze) sujeitos que trabalham, 58,3% são pardos e 41,6% são brancos, não encontramos nenhum negro, nem indígena, apenas pardos ou brancos, o que nos faz constatar que o preconceito racial ainda é muito forte e ainda influência bastante nos critérios de seleção.

Neste contexto, acreditamos que os surdos também devem se engajar nos movimentos de luta contra o preconceito e discriminação racial. Não podendo reduzir o campo resistência e luta contra as injustiças.

Gráfico 4 - Onde mora



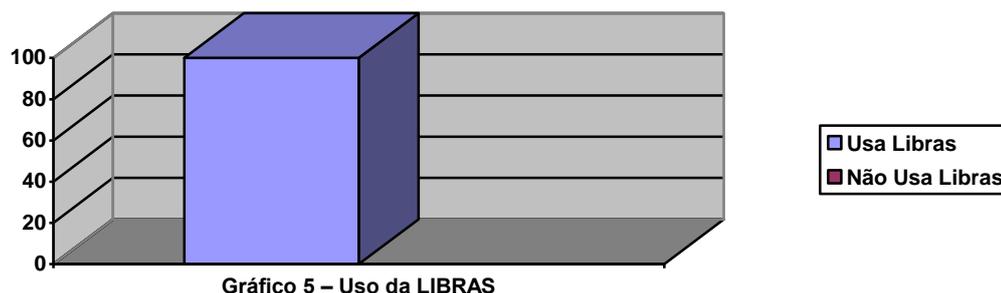
Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade

A partir da localidade de moradia dos sujeitos entrevistado podemos saber em que região eles residem, se moram na zona rural, urbana ou em quais municípios se concentram um maior número de trabalhadores. Com os dados da pesquisa Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009) foi possível perceber que a maioria das reside nos município de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes, nesta ordem. Sendo 75% no município de Recife nos bairros da Sato Amaro, Boa Vista, Boa Viagem, Iputinga, Cordeiro, Engenho do Meio, Areias, Jordão Baixo, Chão de estrelas, em Olinda 16,6% nos bairros do Bomfim e Casa Caiada e em Jaboatão dos Guararapes 8,3 %, no bairro de Cavaleiro.

Com estes dados, percebemos que há uma quantidade considerável de trabalhadores moradores de Recife. O que nos faz concluir, que as empresas dão preferência aos indivíduos da capital. Talvez por uma questão de custo ou de proximidade entre moradia e trabalho, acreditando que a proximidade facilite a pontualidade e frequência do trabalhador.

Infelizmente, a presente pesquisa não teve a oportunidade de pesquisar os surdos interioranos e da zona rural. O que faz desperta uma instigante curiosidade de saber a localidades que eles se concentram em maior número.

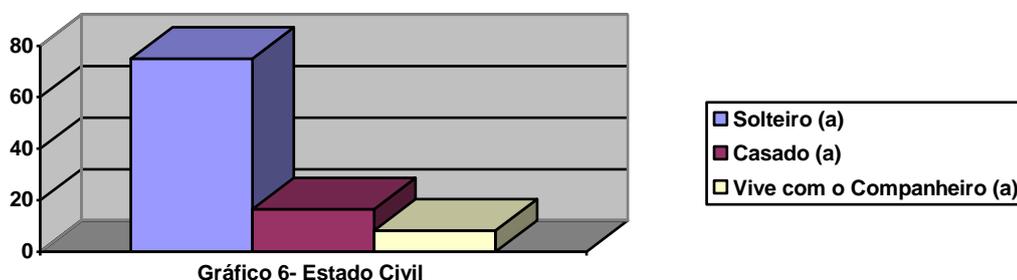
Gráfico 5 – Uso da Libras



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Saber se o surdo usa a língua brasileira de sinais, significa de certo modo saber se o sujeito adquiriu um “item” da comunidade surda, o que não significa necessariamente que ele participa desta comunidade, nem que ele usa a Libras em todos os espaços sociais (escola, família, trabalho, etc.). Estas informações nós teremos mais tarde no eixo Libras/ Comunidade Surda. Em nosso caso, no universo de 12 (doze) sujeitos, todos utilizam a Libras para se comunicar o mesmo que 100%.

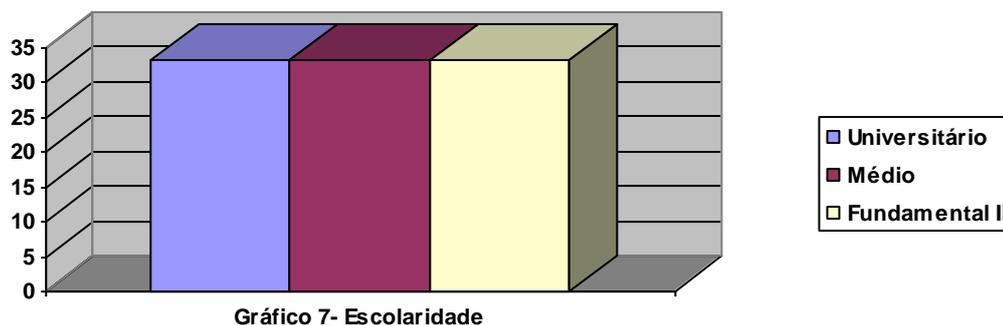
Gráfico 6- Estado Civil



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Diante do estado civil podemos perceber um pouco mais do perfil destes sujeitos entrevistados, como podemos ver no quadro acima 75,5% são solteiros, 16,6 % são casados e apenas 08,3 % vivem com o parceiro. O que nos demonstra que a maioria dos sujeitos não constitui família própria. Não podemos afirmar que ser solteiro seja um critério seletivo ou favoreça o encontro de uma vaga de trabalho. Talvez a situação civil esteja correlacionada com a idade dos sujeitos, que são jovens.

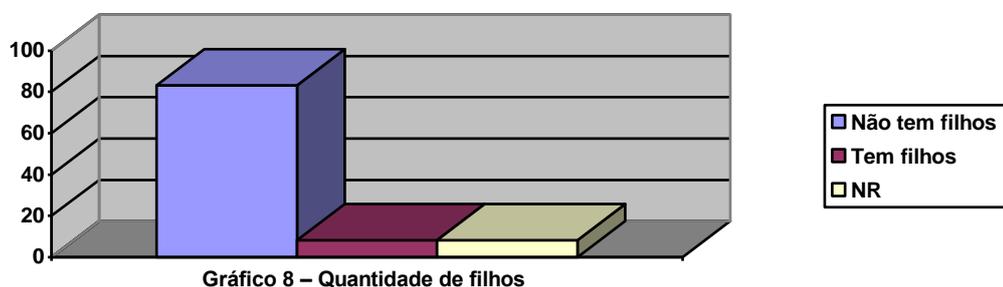
Gráfico 7- Escolaridade



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O nível de escolaridade dos sujeitos que estão estudando se apresenta de forma equilibrada sendo que, 33,3 % estão no nível universitário, 33,3 % no ensino médio e 33,3 % no ensino fundamental II. O que nos favorece tirar certas conclusões, como a de que o mercado não está fechado para os sujeitos com escolaridade baixa ou que o nível mais elevado de escolaridade não é tomado como relevante (já que os cargos oferecidos, pelo mercado, não exigem conhecimento especializado). Talvez, as empresas estejam preocupadas apenas com o cumprimento da lei de cotas e não com a qualidade profissional destes indivíduos. Como sabemos muitas vezes estes sujeitos surdos são contratados apenas para preencher um número exigido ou são destinados a cargos que não exigem muito esforço intelectual se limitado às atividade braçais.

Gráfico 8 – Quantidade de filhos

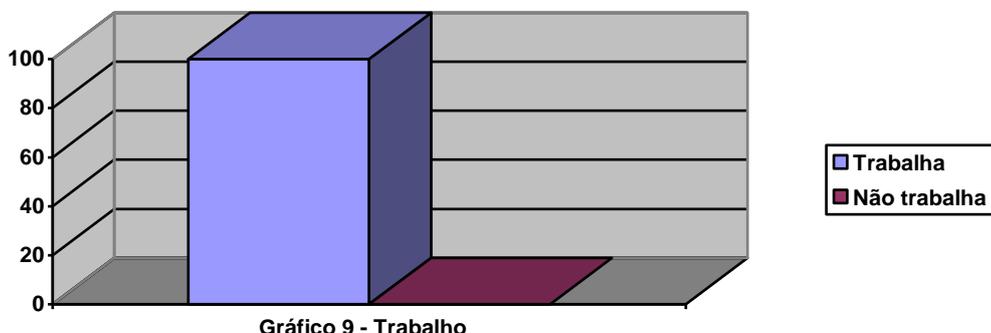


Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como demonstra o gráfico acima 83,3% não possuem filhos, 8,3 % possuem, e 8,3% não responderam. Com isto, podemos entender claramente que a maior parte dos sujeitos não possui filhos. Talvez tal informação esteja relacionada à idade dos

sujeitos ou ao estado civil, já que a maior parte dos entrevistados são jovens e solteiros.

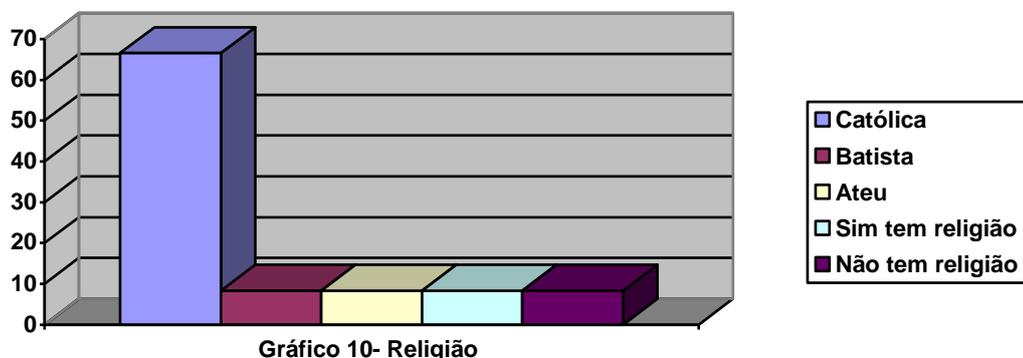
Gráfico 9 - Trabalho



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Na Pesquisa – Configurações Culturais – os Surdos na Contemporaneidade (2009), foram selecionados 12 (doze) estudantes do nível fundamental II; médio; e universitários que trabalham. Portanto, no gráfico acima, constam os 12 (doze) sujeitos surdos que estão trabalhando, que contam na referida pesquisa. Acreditamos que este número ainda é bastante reduzido o que comprova a imensa resistência dos empresários e do governo na contratação destas pessoas. Com esta comprovação, nos resta brigar pelo cumprimento das cotas e pela conscientização dos repontáveis pela mudança desta situação.

Gráfico 10- Religião

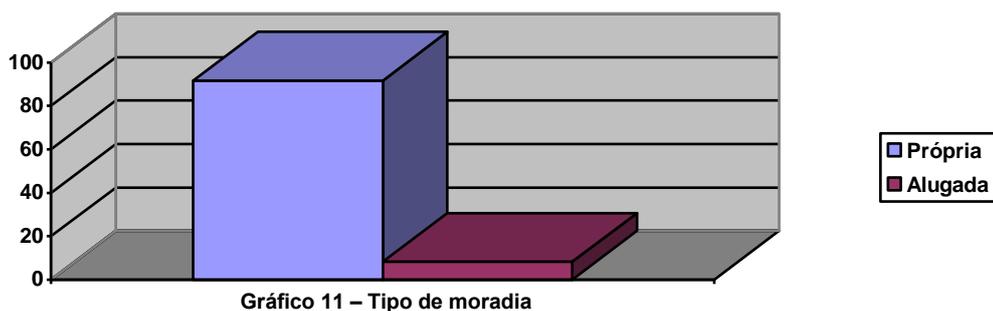


Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como se percebe no Gráfico 11 a maior parte dos entrevistados são da religião católica, cerca de 66,6%, apenas 08,3 % se apresenta como Batista, 08,3% ateu, 08,3% informou que tinha religião mais não especificou qual seria e 08,3% não tem religião. Estes dados nos demonstram que a hegemonia católica ainda é muito forte em nosso país, diante dos dados encontramos repostas variadas, no entanto, não encontramos religiões como a espírita, nem o candomblé que é uma religião africana trazidas pelos negros para o Brasil.

Entretanto, mesmo diante da considerável representação católica, não encontramos nas igrejas intérpretes de Libras, não havendo acessibilidade na comunicação. Será que estes surdos são católicos, decorrente de suas famílias serem católicas e só por uma “herança” familiar se consideram católicos?

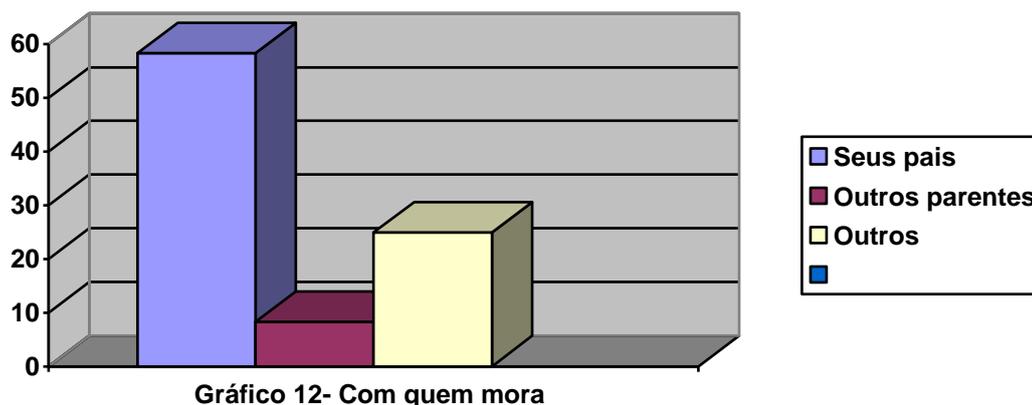
Gráfico 11 – Tipo de moradia



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como demonstra o gráfico acima 91,6% dos indivíduos residem em moradias próprias e 08,3% em residências alugadas. O que demonstra certa estabilidade e segurança financeira, já que a casa ou apartamento próprio são considerados um dos grandes sonhos da vida de um trabalhador. No entanto, é importante ressaltar que conforme o Gráfico 12, a maior parte dos sujeitos reside com os pais, portanto, se supõe que a moradia própria é uma propriedade dos pais e não dos filhos.

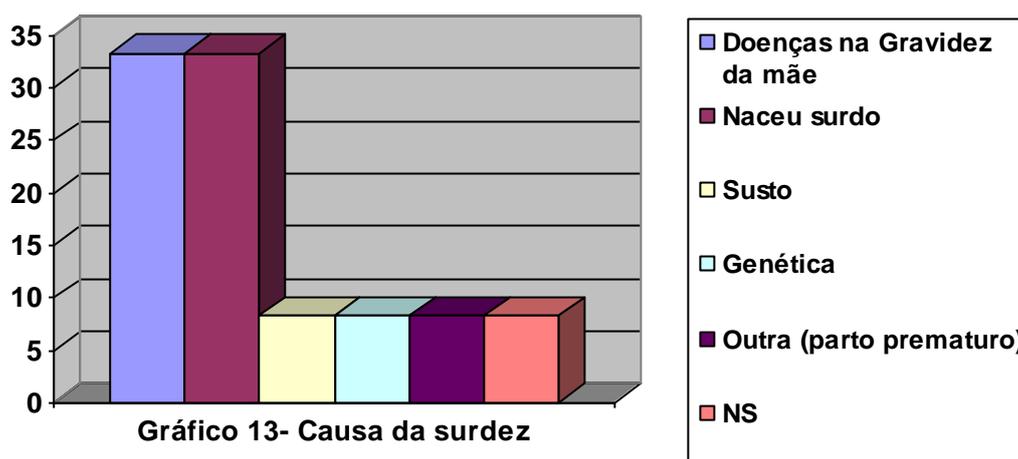
Gráfico 12- Com quem mora



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

A maior parte dos sujeitos mora com os pais, sendo representado num percentual de 58,3%; 08,3% moram com parentes e 24,9% moram com ou marido e filho ou esposa e marido. O que se percebe com estes dados é que a maior parte dos indivíduos reside com os pais, e a tal instabilidade financeira cogitada no quadro anterior talvez não seja uma verdade, já que os indivíduos entrevistados, trabalhadores, ainda residem com os pais.

Gráfico 13- Causa da surdez

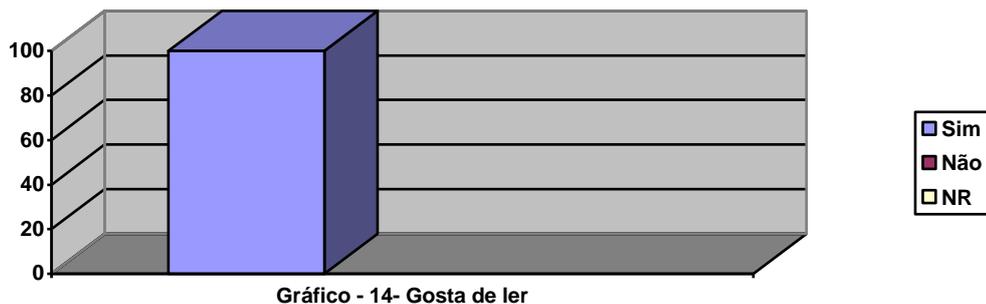


Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Com os dados acima, podemos perceber que os surdos sabem em sua maioria a causa da surdez, podemos perceber que 33,3% ficaram surdos por

doenças que aconteceram na gravidez da mãe, 33,3% nasceram surdos, 8,3% ficou surdo por um susto, 08,3% por herança genética, 08,3% por ter nascido de um parto prematuro de 06 meses e 08,3% não sabia responder. Diante do Gráfico 16, percebemos que a maioria dos surdos são surdos de nascença.

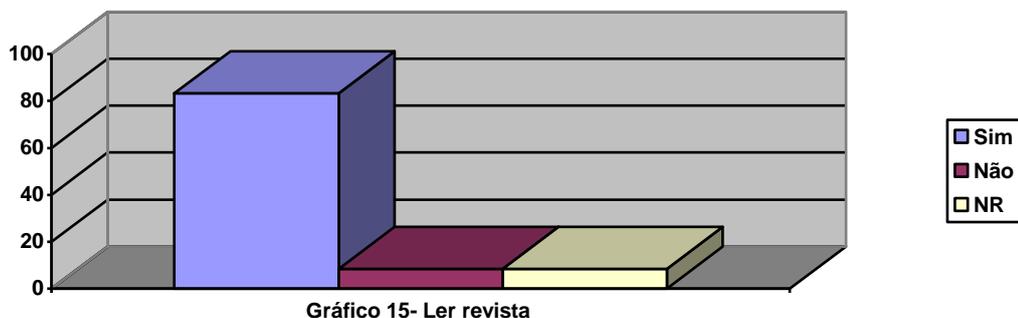
Gráfico - 14- Gosta de ler



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Todos os sujeitos declararam em suas entrevistas que gostam de ler, o que é bastante considerável visto que 100% possuem este hábito de leitura, fundamental para a formação de qualquer indivíduo. O gosto ou interesse pela leitura é um interessante caminho para a mudança. Muito se sabe sobre a mobilização dos familiares, professores, pesquisadores, dentre outros, para que os surdos leiam e escrevam corretamente, mas, particularmente nunca encontramos nas bibliografias obras que falem do gosto da leitura dos surdos. Geralmente, as pessoas se detêm nos erros, nas deficiências e dificuldades e esquecem de que existem outras coisas que também são importantes, como o prazer, que pelo que podemos ver existe.

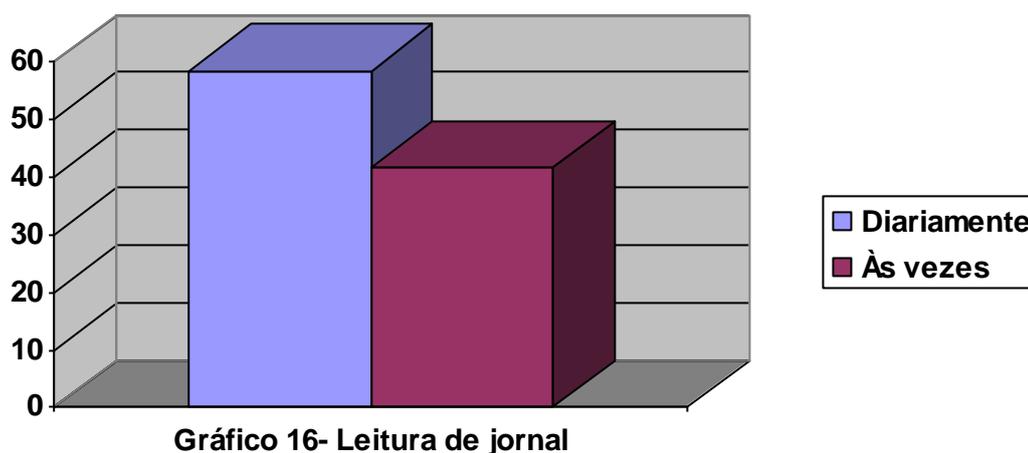
Gráfico 15- Ler revista



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Conforme está ilustrado no quadro acima 83,3% afirmam ler revistas semanais, 08,3% não responderam e 08,3% disseram que era difícil. Como podemos perceber uma minoria não faz uso desse material, e um número bastante considerável 83,3% faz. No entanto, não sabemos que tipo de material é este que está sendo lido, pois, há uma enorme variedade e diversidade de revistas.

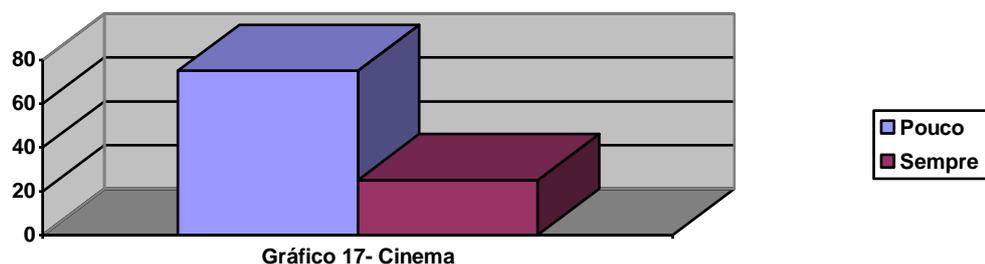
Gráfico 16- Leitura de jornal



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

41,6% dos entrevistados informaram que possuem o hábito de ler o jornal diariamente e 58% disseram que só, às vezes, fazem esta leitura. Acreditamos que estes dados são considerados bons já que sabemos que muitos brasileiros não assumiram estes hábitos ou só fazem a leitura aos domingos. A leitura é muito importante já que esta mídia é um instrumento de informação, mudança e formação de opinião. Ele não é um material neutro, nem imparcial aos fatos sociais, tem como objetivos expor e difundir informação de forma ágil, correta e ética. Entretanto, é de nosso conhecimento que existem algumas mídias escritas que manipulam a informação e distorcem a realidade, e nesta realidade não real da sociedade, nos obriga a viver em uma sociedade fantasiosa de uma vida irreal. Desse modo, não basta ser um leitor diário, é preciso que se tenha uma leitura crítica do que está escrito, para que assim não se viva na ilusão. Porque também, não se manipula sempre, não se distorce a informação sempre, por isto o leitor precisa ter maturidade para discernir o que é certo ou errado e poder ter a autonomia de escolher o material jornalístico que melhor se identifica.

Gráfico 17- Cinema



Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O gráfico demonstra que 75% vai pouco ou às vezes ao cinema e 25% vai sempre. O que mostra que ainda é pouca a freqüência dos surdos nas salas de cinema, no entanto, não podemos desconsiderar o avanço de encontrarmos um percentual considerável que freqüenta assiduamente o cinema e, felizmente ninguém declarou que nunca foi ao cinema.

Hoje o cinema está mais popularizado e as pessoas estão tendo mais acesso. E este acesso cultural traz a oportunidade de entrar em contato com a ficção e a realidade para assim quem sabe se construir um paralelo comum com as telas do cinema. O individuo se projeta ou se diferencia do que assiste e neste jogo de trocas se constrói, numa construção de reflexão e projeções.

Mas, como sabemos os surdos não são participantes de todos estes momentos únicos oferecidos pelas telas do cinema, eles na maioria das vezes são vetados simplesmente por não existir legendas no filme, restando ao surdo a visualização das imagens. Atualmente os surdos lutam para que haja legendas em filmes nacionais. A comunidade surda se uniu, produziram camisas e vestiram a camisa, para que ela seja vista e que a sociedade como um todo possa pensar não só em si, numa visão ouvintista, mas que possa pensar no outro que tem os mesmos direitos, como de assistir um filme.

3.2 LIBRAS/ CULTURA SURDA

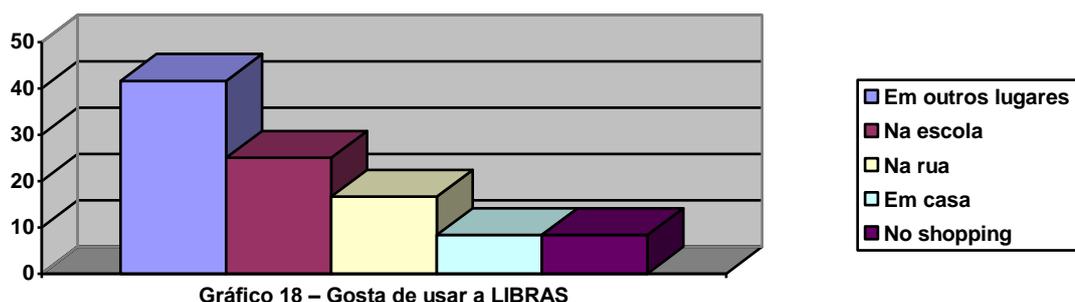
Neste eixo, da Libras, nos deparamos com gráficos interessantes como: o surdo gosta mais de usar a Libras; surdo gosta de usar menos; conhece ASL; Sonha em Libras; os pais contaram histórias em Libras; os professores contaram histórias em Libras; teve acesso a DVD; teatro; coral em Libras.

Estas questões revelaram algumas coisas interessantes, como podemos perceber no Gráfico 18 – gostar de usar mais Libras, foi visível perceber que os surdos não gostam de usar a Libras em suas casas, o que no mínimo é estranho, já que a família é o primeiro ambiente social em que temos contato. No Gráfico 19 percebemos que os surdos escolheram ambientes como a escola, Igreja, a rua para usarem sua língua. O que nos faz concluir que em suas residências esta língua não é usada ou se é, são usados fragmentos dela como gestos, mímicas, sinalizações e sinais caseiros (criados entre familiares)

Nos outros gráficos, foram abordadas questões que nos deram subsídios para perceber que os surdos conhecem a sua língua. Conhecem seus recursos de divulgação e difusão como os materiais de DVDs, como as representações artísticas em Libras, como também suas individualidades. Se sonham em Libras - umas das questões solicitadas nas entrevistas - a maioria deles respondeu que sim, sonham em Libras, o que nos faz concluir que isto é bastante natural a um sujeito que se apropriou da sua língua natural.

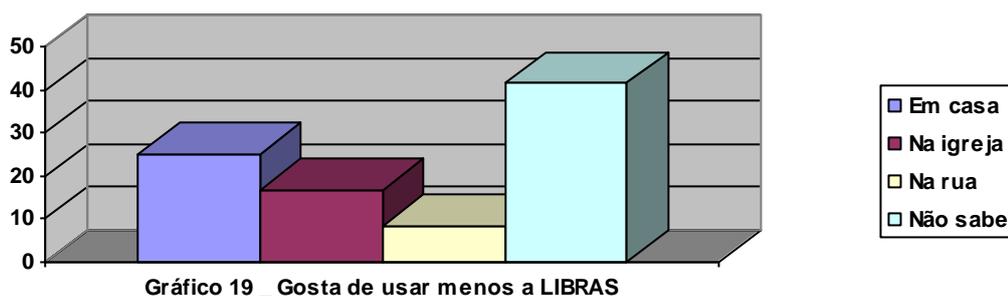
Infelizmente, percebemos nos gráficos 22 e 23, “se os professores e pais contavam história em LIBRAS”, ainda é reduzido, sendo 66% dos professores e 58% dos pais que contavam, sendo um número mais significativo na escola. Acreditamos que este envolvimento de diálogo, criado com pais e professores no momento em que se conta uma história, facilita o desenvolvimento do surdo, estimulando suas habilidades criativas, imaginativas e por conseqüência comunicativa, o que facilita no desenvolvimento pessoal e educativo. No entanto percebemos que ainda existe um número significativo de pais e professores que não reservam este momento para dominarem fluentemente a Língua Brasileira de Sinais.

Gráfico 18 – Gosta de usar a Libras



Diante do Gráfico 18, que aborda o local em que os surdos gostam mais de usar a Libras podemos perceber que 41,6% preferem usar em outros lugares, 25% na escola, 16,6% na rua, 8,3% no Shopping e 8,3 em casa. Como podemos perceber o seio familiar não é um ambiente de diálogo, o que acarreta na busca dos surdos por locais externos das suas casas, isto significa que os surdos possuem um campo de conversação bastante reduzido em casa. Uma das grandes queixas dos surdos é que a família ouvinte não domina a Libras e não se interessa por este aprendizado, na maioria das vezes criam códigos gestuais, mímica, pantomimas e sinalizações para se fazer entender. O que fragiliza a comunicação, já que assuntos mais aprofundados e específicos não podem ser conversados apenas por sinalizações e “mungangas”.

Gráfico 19 - Gosta de usar menos a Libras



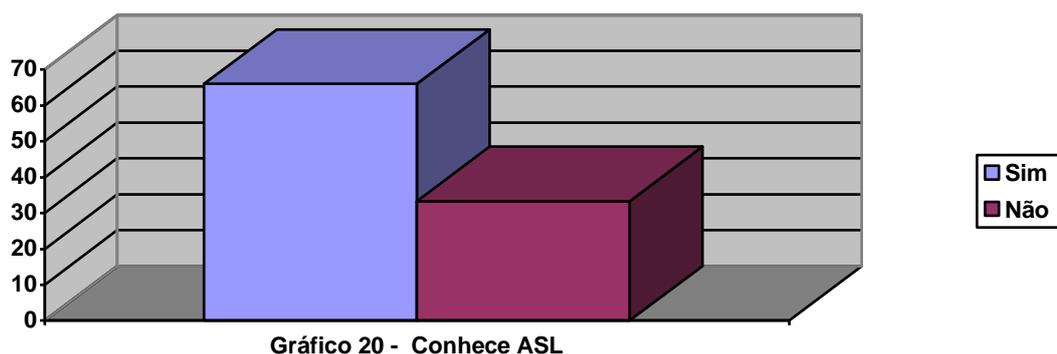
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: 25% responderam que não sabia e 16,6% respondem nada, no contexto da Língua Brasileira de Sinais, concluímos que este “nada” representa não sabe, por esta razão unimos os percentuais $25\% + 16,6\% = 41,6\%$.

O gráfico acima demonstra os locais que os surdos menos gostam de usar a Libras, 41,6% não sabia responder, afinal se esta pergunta fosse feita para um ouvinte o que ele responderia? Onde gosto menos de falar. Acreditamos que a comunicação é existente em todos os lugares, alguns ambientes nós somos mais felizes em nos expressarmos. Neste caso, os surdos gostam menos de usar na rua 8,3%, na igreja 16,6% e em casa 25%. Infelizmente, poderemos ter esta lamentável confirmação, de que os surdos não gostam de usar a Libras em casa, este motivo talvez esteja correlacionada a origem das famílias dos surdos que são em sua maioria ouvintes. No entanto, precisamos ressaltar que o motivo pelo o qual os surdos não gostam de usar Libras não é decorrente de suas famílias serem ouvintes, mas, decorre do fato de que as famílias ouvintes não se interessam em

aprender a Libras. Às vezes passam suas vidas inteiras tentando reabilitar/transformar seus filhos em ouvintes, perdem parte do desenvolvimento, do diálogo, das descobertas, das dúvidas e expulsam os filhos para fora de casa, que saem a procura de “um ouvido amigo” em qualquer lugar (escola, shopping, rua, igreja).

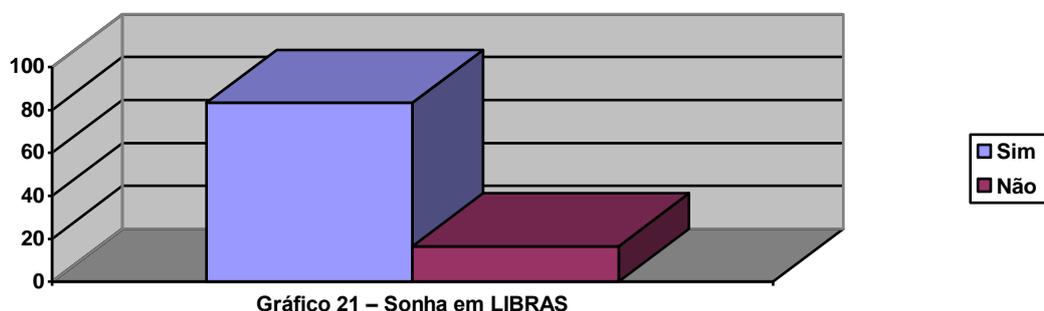
Gráfico 20 - Conhece ASL



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Podemos perceber no gráfico acima que 66% dos entrevistados conhecem a ASL e 33% desconhece. O que nos faz a supor que 66% destas pessoas tiveram contato com pessoas usuárias da língua de sinais americana ou que se interessaram e pesquisaram na internet. No mundo existem diversas línguas de sinais, dizem que onde houver um surdo haverá uma língua de sinais e isto instiga bastante os jovens surdos para saber como é esta comunicação. Como sabemos as línguas de sinais, são diferentes e semelhantes entre si, algumas usam mais datilologia, outras, mais gestos, o que não dificulta a comunicação entre surdos. A comunidade surda mundial busca a cada ano, desenvolver subsídios, como: encontros; conferências; congressos. De forma a que os surdos troquem experiências e se conheçam, fortalecendo a comunidade surda mundial, com seus sofrimentos e crescimentos.

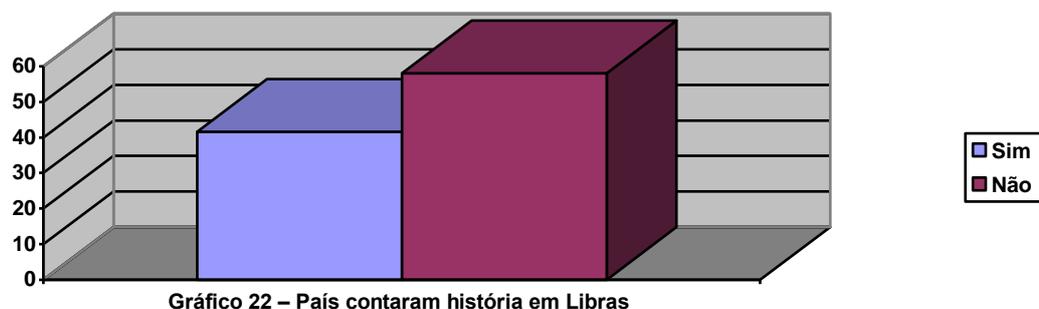
Gráfico 21 - Sonha em Libras



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O Gráfico 21 – sonha em Libras, revela que 83,3% dos entrevistados sonham em Libras e 16,6% disseram que não sonham. Este dado não nos surpreende já que sonhar em Libras é algo bastante natural, se esta língua é usada por seus usuários diariamente. Sonhar em Libras só demonstra que o sujeito realmente se apropriou de sua língua e por isso em seus sonhos os surdos utilizam da língua brasileira de sinais para conversação.

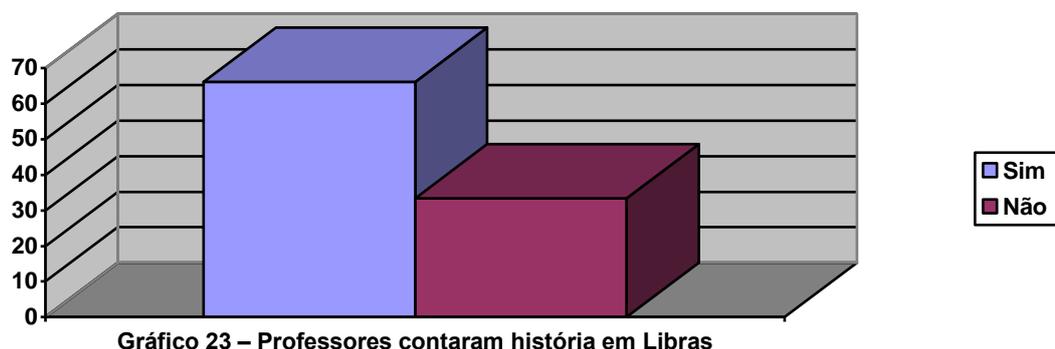
Gráfico 22 – Pais contaram história em Libras



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Os dados acima, 58% dos pais não contavam histórias em Libras para os filhos e 41% contavam. O que não nos espanta, já que a maioria dos pais ouvintes não domina a Língua Brasileira de Sinais, o que se torna bastante complicado contextualizar uma história sem o domínio da língua. Este é mais um quadro do contexto familiar dos sujeitos surdos, um contexto sem comunicação. O que resulta na busca por outros ambientes de comunicação e expressão, que os surdos tomam como parâmetros referenciais, como por exemplo: na escola.

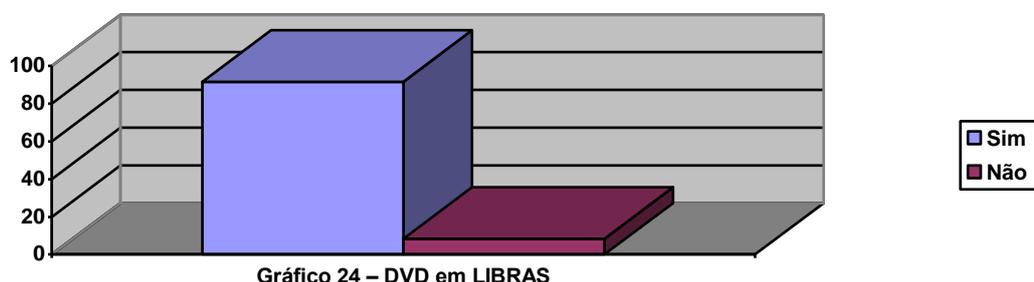
Gráfico 23 – Professores contaram história em Libras



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

66% dos professores contavam e 33% não contavam. A escola assume seu papel educativo, neste caso, contando histórias em Libras, o que desenvolve a imaginação, criatividade, raciocínio, conversação das crianças. No momento em que as famílias isentam das suas “responsabilidades” como a justificativa de que não sabem a Libras e por não saberem passam esta “função” como papel único da escola. Elas estão sobrecarregando a função educativa da instituição escolar, que como sabemos a função de educar os estudantes também é da instituição familiar. A escola e a famílias precisam andar juntas neste processo, se uma destas partes não faz o seu papel direito, o jovem se forma “deficiente” de suas habilidades. O que se fixará como uma marca triste, que será levada por toda uma sua vida.

Gráfico 24 – DVD em Libras

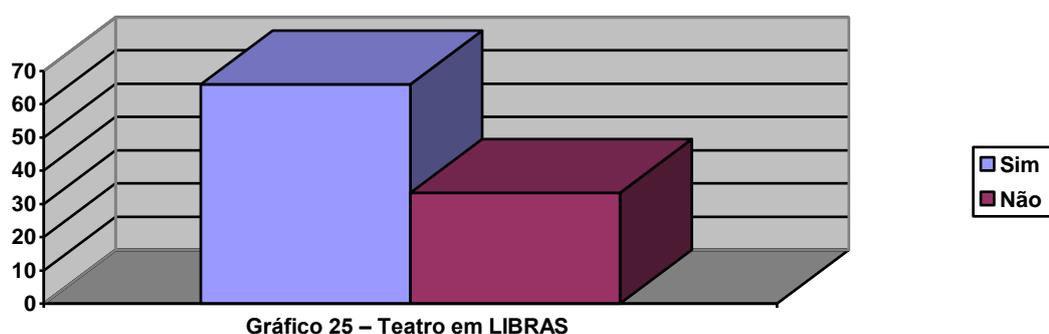


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como podemos ver no gráfico, 91,6% dos sujeitos já assistiram DVD em Libras e apenas 8,3% não. Um número considerável. Acreditamos que no contexto atual, com as tecnologias avançando a cada dia, a difusão dos DVD's são de fácil acesso. Outra razão, que justifica um número tão grande de jovens que já assistiram

DVD's de LIBRAS, é que as escolas receberam do governo federal, materiais da literatura clássica e brasileira traduzida na Língua Brasileira de Sinais, o que ajuda nas atividades dos professores com os estudantes. A FENEIS e o INES também produzem algumas obras que abordam a temática da Libras, o que favorece o acesso dos surdos em suas associações. A importância dos DVD's em Libras é inquestionável, pois ajuda da divulgação da língua, tanto para os ouvintes quanto para os surdos. Entretanto, acreditamos que estes materiais em Libras deveriam ser mais popularizados, pois, alguns deles a comunidade extra escolar e extra entidades de surdos não têm acesso. E os materiais que são comercializados ainda possuem um valor muito alto, por causa do número reduzido que são produzidos.

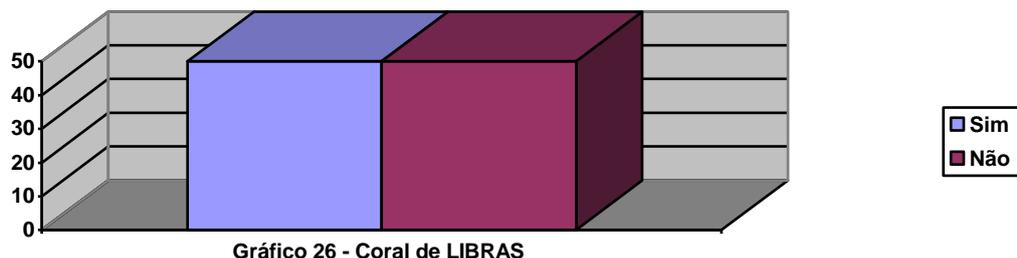
Gráfico 25 – Teatro em Libras



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

No gráfico 25 – teatro em Libras, visualizamos que 66% dos entrevistados já assistiram teatro em Libras e 33,3% não tiveram esta oportunidade. Acreditamos que o incentivo a cultura é necessário para o bem estar do cidadão e nada melhor do que assistir algo que é semelhante, “iguais” com “iguais” e não os “iguais” representando os diferentes. Surdos assistindo surdos, surdo representando surdo, Surdo sendo surdo. Chegou o momento em que os surdos reivindicam a sua voz, não voz no contexto fônico, mas a voz da verdade. Chega de apenas os ouvintes dizerem o que é correto para os surdos. A comunidade surda está fortalecendo sua maturidade e já possui pernas para opinar, questionar e fazer sua própria arte, representar e reproduzir sua própria cultura com identidade surda e não ouvinte.

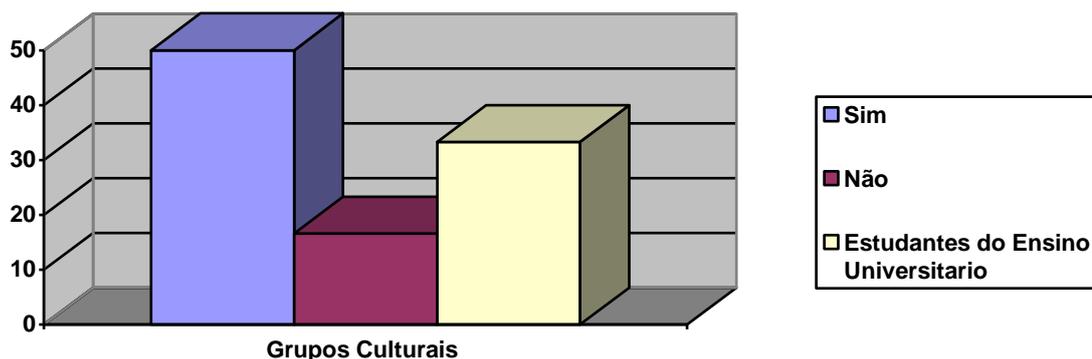
Gráfico 26 - Coral de Libras



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como representa o gráfico acima, 50% já cantaram em corais de Libras e 50% nunca cantaram. A questão do coral é bem conturbada, existem duas vertentes que se chocam: a primeira diz que o coral é pertencente das duas culturas e por isso pode ser vinculada a ambas, atualmente existem vários grupos que cantam em Libras em diversos locais como escolas e igrejas; na segunda, dizem que o coral é uma cultura de ouvintes e fazer com que surdos sinalizem as músicas é mesmo que tentar transformar surdos em ouvintes, numa desconexa combinação. Somos contra a qualquer tentativa de transformação do indivíduo, acreditamos que os surdos possuem sua cultura e que ouvintes possuem as suas e que elas podem andar próximas numa construção coletiva de uma sociedade plural e cultural.

Gráfico 27 - Participa de grupos culturais



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

O Gráfico 27 – 50% dos jovens surdos participam de grupos culturais, 16,6% não participa e 33,3% são estudantes do nível universitário que não foram entrevistados nesta questão. Como podemos perceber um número considerável de pessoas participam de grupos culturais, o que é bastante positivo para o enriquecimento e fortalecimento dos grupos. Já que a renovações dos sujeitos são importante para que não haja o enfraquecimento e desfragmentação cultural.

Gráfico 28 – Leu livros escritos por surdos

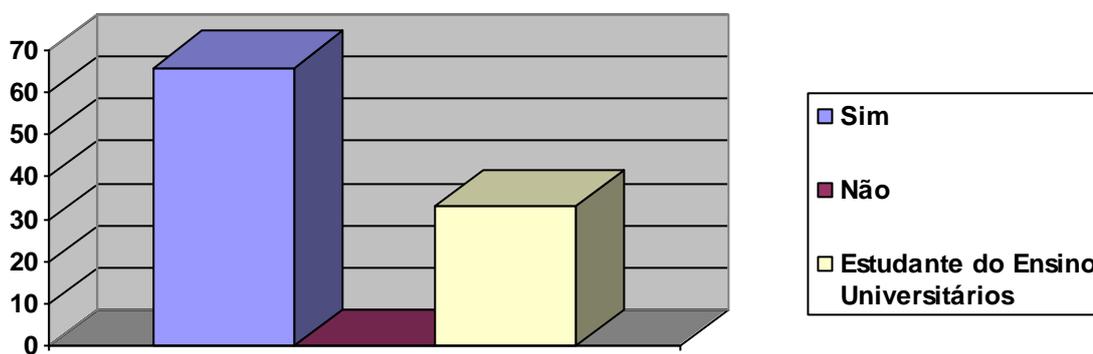


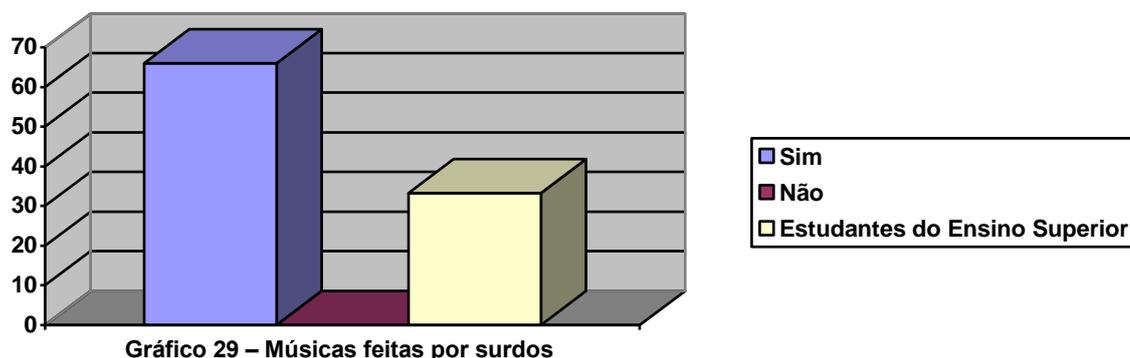
Gráfico 28 – Leu livros escritos por surdos

Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

Gráfico 28 – Leu livros escritos por surdos, 66% informaram que sim, ninguém respondeu que não e 33,3% é representada por estudantes universitários. O número representado é expressivo, já que este percentual é representado por estudantes do ensino médio e fundamental II. Acreditamos que talvez estes estudantes tenham acesso a estes materiais com amigos, nas escolas ou em associações.

Gráfico 29 – Músicas feitas por surdos

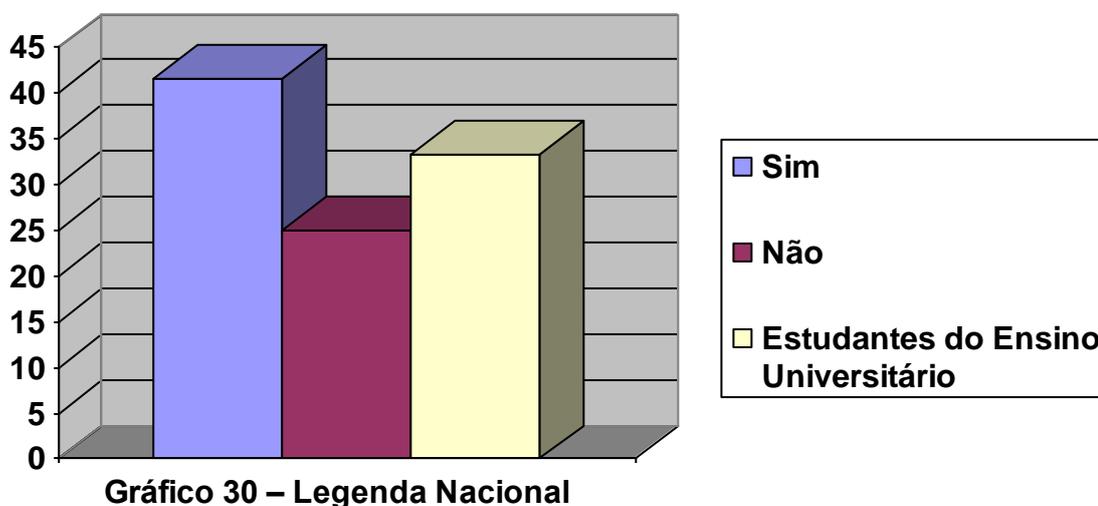


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usando. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

O Gráfico 29 – Músicas feitas por surdos - repete as informações do Gráfico 28 – Leu livros escritos por surdos - 66% tiveram acesso, 0% não tiveram contato e 33,3% é representada por estudantes do ensino superior. O que comprova que os estudantes surdos estão tendo acesso a suas próprias produções culturais. O que colabora para que a cultura surda permaneça viva em todas as suas esferas.

Gráfico 30 – Legenda Nacional

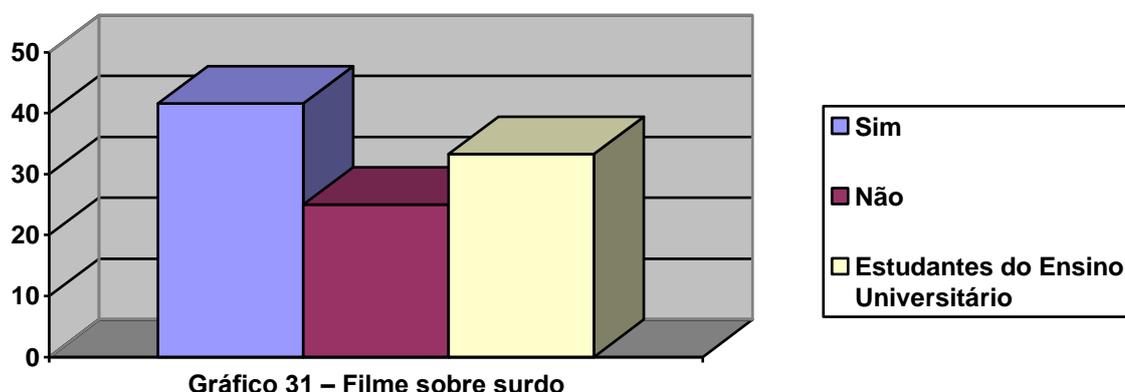


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

A campanha legenda nacional foi criada por Marcelo de Carvalho Pedrosa, surdo, que após ter ido ao CINE-PE - Festival de Audiovisual 2004, na cidade de Recife/PE, se sentiu excluído ao tentar assistir filmes nacionais. Depois desta situação iniciou uma campanha sobre a necessidade de se colocar legenda nos filmes nacionais, com intuito de igualar os direitos de acesso para as atividades de lazer. Esta campanha está se propagando por todo o país e aderindo diversos adeptos ao longo dos anos. Com podemos ver no quadro acima 41,6% dos estudantes surdos conhece esta campanha, 25% não conhece e 33,3% são do ensino superior e não temos este dado.

Gráfico 31 – Filme sobre surdo



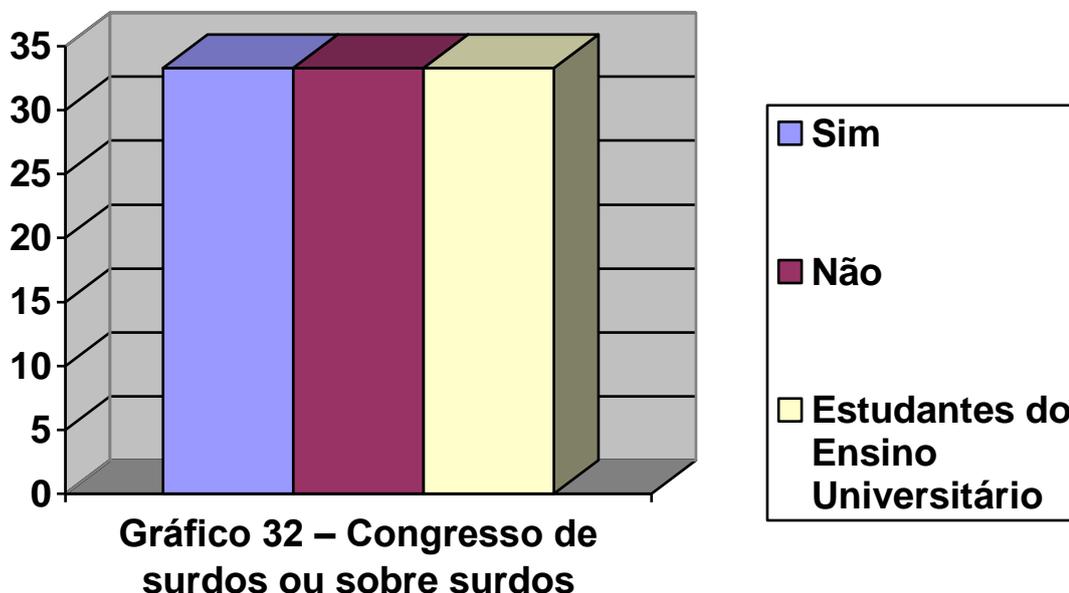
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

Conforme percebemos no gráfico 31 – Filme sobre surdo, 41,6% já assistiram filmes sobre surdos, 25% não assistiram e 33,3 % referente aos estudantes do nível universitário. Acreditamos que este percentual de 41,6% que já assistiram é considerado como bom percentual, visto que, são obras reduzidas e não possuem

muito cunho comercial. Geralmente que tem acesso são algumas pessoas interessadas na área, associações e surdos.

Gráfico 32 – Congresso de surdos ou sobre surdos

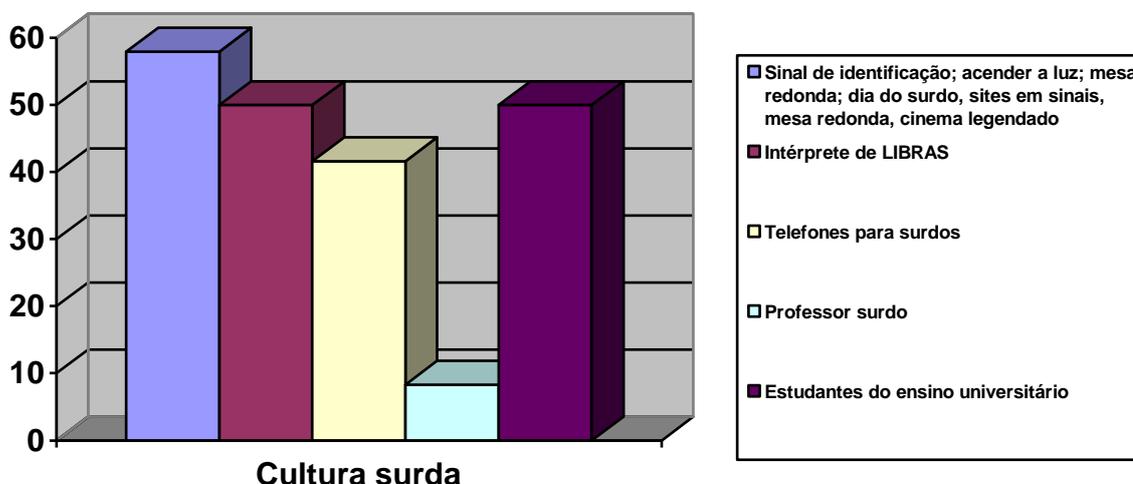


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

Como podemos perceber no quadro acima, 33,3% dos s já participaram de congressos de surdos ou sobre surdos, 33,3% nunca participaram e 33,3% são estudantes universitários. Um número considerável, já que em nossa região não se promove tantos congressos e palestras sobre esta temática, acontece espaçadamente e geralmente o público é composto por estudantes universitários e outros surdos mais politizados.

Gráfico 33 – Cultura Surda



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

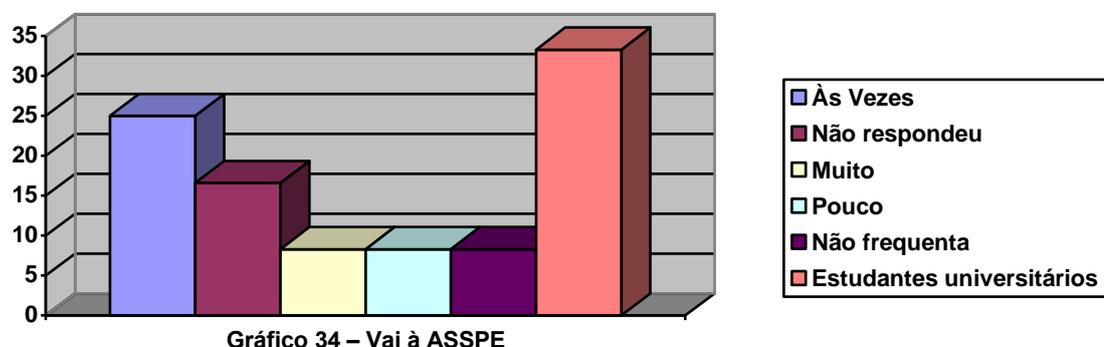
Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

Conforme o Gráfico 33 – Cultura Surda, podemos perceber que dos surdos entrevistados 58%, acreditam que cultura surda é: sinais de identificação, acender a luz para chamar atenção, despertador que vibra, dia nacional do surdo, sites em sinais, dia nacional do surdo, mesa redonda e cinema nacional legendado, são componentes necessários para constituir a cultura surda; outros, 50% acham que os intérpretes fazem parte desta cultura; 41,6% dizem que os telefones próprios para surdos, é cultura surda; 16,6% afirmam que a secretária eletrônica que vibra, também é; 08,3% não sabiam responder; 08,3% acham que ser professor surdo também é algo próprio desta cultura e 33,3% são estudantes do ensino universitário.

No decorrer dos anos, os surdos foram constituindo uma cultura própria, que se desvela nos contextos sociais, nas suas ações e no seu cotidiano. Não há nenhum mistério quanto ao que é esta cultura, pois, a cultura surda é do surdo e é o surdo, já que o indivíduo é um sujeito cultural. E para entendermos a cultura surda precisamos saber quem é este surdo. A pessoa surda é um sujeito visual que não utiliza dos recursos auditivos para se comunicar, sua comunicação é feita através da Língua brasileira de sinais. A Libras é uma língua que possui gramática própria,

compostas pelos níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico; e a sua modalidade visual-espacial. No entanto, cultura surda não se resume a Libras, mas tudo aquilo que faz parte de um sujeito e de sua comunidade, os surdos, individualmente e em seus grupos possuem certos “hábitos” que são repetidos. Como por exemplo: os sinais de identificação, acender a luz para chamar atenção, telefones que vibra, mesa redonda para facilitar a comunicação, dentre outros. Portanto, cultura surda é uma ou várias representações feita pelo surdo individualmente e/ou coletivamente em seus grupos e na sua comunidade.

Gráfico 34 – Vai à ASSPE



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

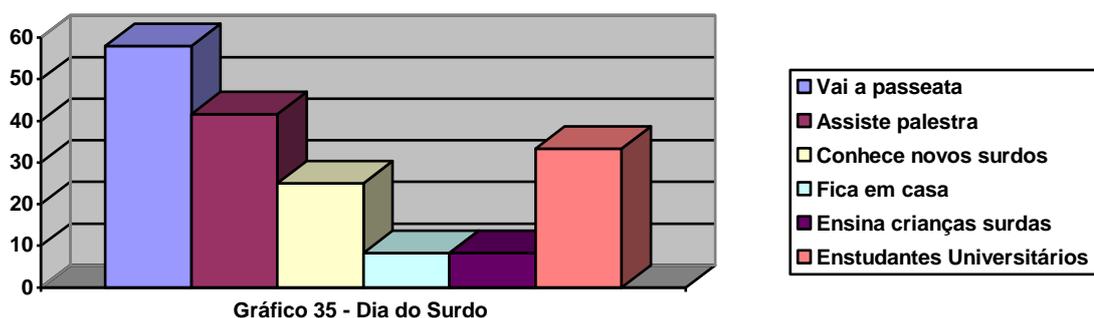
Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

Ao visualizar o gráfico acima, percebemos que 08,3% dos surdos responderam que vão muito a Associação de Surdos de Pernambuco, ASSPE, 25% respondeu que às vezes, 08,3% vão pouco, 08,3% não frequenta, 16,6% não respondeu a questão solicitada e 33,3% são estudantes surdos do ensino universitário.

As associações para surdos assumem um papel fundamental para a vida da comunidade surda. Favorecem o encontro destes sujeitos, em um espaço comum, no qual se chocam várias gerações, o que permite que a cultura se multiplique e se fortaleça. Porque as gerações mais antigas “repassam” suas histórias de luta,

sofrimento, conquistas e superações, que se chocam e se fundem com as novas histórias atuais. E neste repasse de histórias, a cultura surda se reafirma, surgindo novos líderes, novas lutas, novos sofrimentos, novas conquistas e novas superações. Em um rodízio constante entre as gerações, que só ocorre, porque existe uma identidade, que se firma em uma cultura, que se propaga em uma comunidade, que age nos diversos espaços, como nas associações.

Gráfico 35 – Dia do Surdo



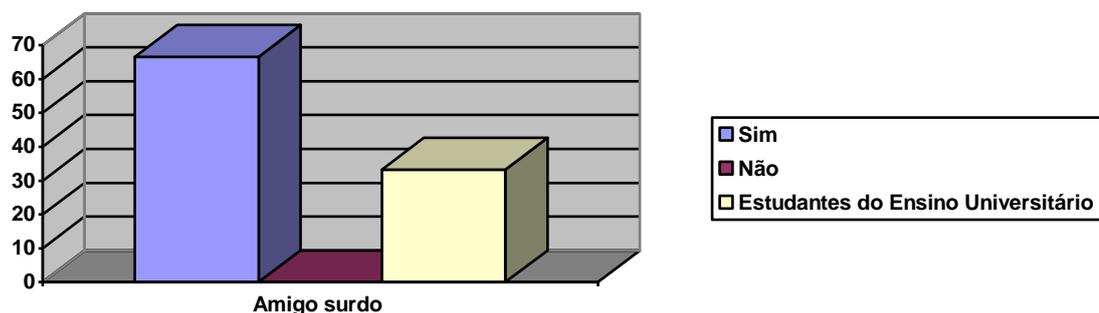
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usados. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

O dia 26 de setembro é o dia Nacional do Surdo, que foi instituído pela Lei 1.976/2008, publicada no Diário Oficial da União em 29 de outubro de 2008. Esta lei tem como objetivo sensibilizar e chamar a atenção da sociedade de um modo geral, para perceber o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos surdos, nos contextos educacionais, na acessibilidade e na inserção no mercado de trabalho. Neste dia, a comunidade surda promove passeatas, palestras, conferências em todo país.

Como podemos ver no Gráfico 35, sobre o dia do surdo, podemos perceber que 58% participam das passeatas, 41,6% assistem palestras, 25% aproveitam para conhecerem novos surdos, 08,3% ficam em casa, 08,3% aproveitam para ensinar as crianças surdas sobre as coisas do mundo e 33,3% são estudantes do ensino universitários.

Gráfico 36 - Amigo surdo



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Observação: Conforme instruções do QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES da Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade, a questão representada acima pelo gráfico, só deveria ser respondida para estudantes do ensino médio. No entanto, os entrevistadores entrevistaram estudantes do ensino fundamental II, dados estes que estamos usando. Infelizmente não temos os dados dos estudantes do ensino universitário, que são representados aqui por 33,3%.

No gráfico acima, nós podemos visualizar que todos os sujeitos entrevistados na referente questão possuem amigos surdos, o mesmo que 66,6% e 33,3% representam os estudantes do ensino universitário. Ter amigos surdos, de certo modo, significa que os surdos se relacionam com surdos em sua comunidade. Amizade significa também, identificações por referências comuns. Muitas vezes, o surdo se aproxima um do outro, apenas pelo fato do outro ser surdo e por serem surdos, são semelhantes. O que não significa que a comunidade surda, só possua integrantes surdos, os ouvintes também são aceitos, como por exemplo: os intérpretes, familiares, professores e porque não amigos ouvintes. Afinal não se deve solidificar uma comunidade fechada, sem dialogo, a comunicação deve existir sempre.

3.3 PRECONCEITO

Neste terceiro eixo, que aborda a questão do preconceito, nós iremos perceber algumas questões claramente explicitadas nos gráficos. No Gráfico 37 - O sentimento mais difícil - e no Gráfico 43 - Sofreu discriminação - podemos perceber que as discriminações estão sempre interligadas com pessoas ouvintes e estes atos discriminatórios ocorrem com mais freqüência na escola, na privação de participação de atividades familiares e em outros espaços; os surdos se queixam que um dos

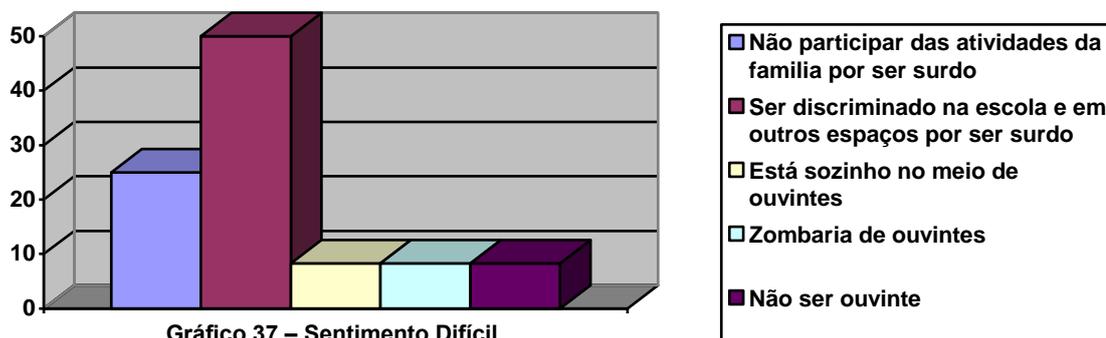
sentimentos mais difíceis que já sofreram foi ficar nomeio de ouvintes, de suas zombarias. No entanto, alguns surdos ainda dizem que desejariam ser ouvintes e que se envergonham de ser surdo, sendo um percentual bem reduzido.

O que foi bastante interessante perceber o orgulho dos surdos de serem surdos foi uma representação considerável. Acreditamos que este orgulho pela surdez ocorra por algumas razões, como: a presença da comunidade surda, da Libras e de suas configurações culturais. Este orgulho ocorre como um sentimento de pertencimento e de proteção de um povo, contra toda e qualquer forma de discriminação e preconceito.

A presença da ideologia ouvintista, na discriminação se faz presente em seus instrumentos de transformação e reabilitação que possuem como objetivo único aproximar o surdo em ouvinte. Mesmo com os avanços da medicina, dos sistemas tecnológicos e das produções televisavas em prol de uma “fórmula” mágica de transformação, não obtiveram sucesso em seus experimentos.

Percebemos que mesmo com toda uma mobilização, os surdos em sua maioria não usam próteses, alguns fazem fonoaudiologia, conhecem a cirurgia de implante coclear e acreditam que a implantação não é algo importante. Logo, entendemos que estes instrumentos de transformação não são aceitos pela comunidade surda, pois, eles estão satisfeitos por sua condição natural. E supomos que os sujeitos surdos que trabalham e fazem fonoaudiologia se sintam obrigados a aprender a falar por motivos de comunicação dentro do local de trabalho, com os colegas ouvintes.

Gráfico 37 – Sentimento Difícil



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

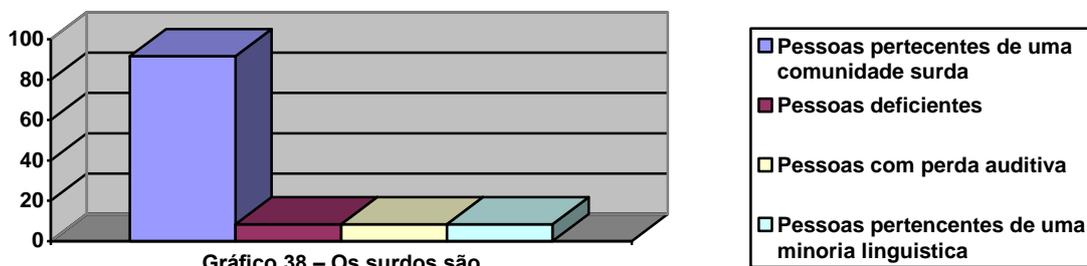
Ser discriminado na escola e em outros espaços por ser surdo 50%, não participar das atividades da família por ser surdo 25%, zombaria de ouvintes 08,3%, está sozinho no meio de ouvintes 08,3% e não ser ouvinte 08,3%. Esses são os dados. A discriminação é um sentimento muito difícil porque, de certo modo, os humilha e causa dor. A dor é um sentimento humano, natural, mas que quando é causado artificialmente por sujeitos desumanos se transforma em uma dor escrava. Porque se a discriminação exclui, ela está privando a liberdade de alguém, se tira a liberdade, logo, escraviza. E o “escravizador” cria um poder imaginário, sobre os discriminados, que ao serem discriminados estão sendo diferenciados.

Como podemos ver no Gráfico 37, a escola e a família são ambientes de discriminação e estes dois ambientes são os principais ambientes de convivência de um estudante. Outro momento em que os entrevistados acreditam que é um momento muito difícil é a convivência com ouvintes, como: medo de estar sozinho entre ouvintes, das zombarias criadas por ouvintes, de ser discriminado em alguns espaços por ser surdo, ou de não ser ouvinte.

Diante de tanta valorização da cultura, da identidade, da Libras, do orgulho surdo, não “discriminamos” este indivíduo que declarou que desejaria ser ouvinte. Se em sua residência é privado das atividades familiares, na escola também, se tem medo de ficar sozinho com ouvintes e das suas zombarias. Se o pior “pesadelo” do surdo é a figura de um ouvinte, quem sabe tal transformação talvez não fosse a solução. Talvez essas pessoas que são participantes da comunidade surda e que ainda usam prótese, freqüentam fonoaudióloga e desejam ser ouvintes, sejam

reflexo de todo um processo discriminatório, na busca pela cicatrização da dor, buscam ser ouvintes.

Gráfico 38 – Os surdos são

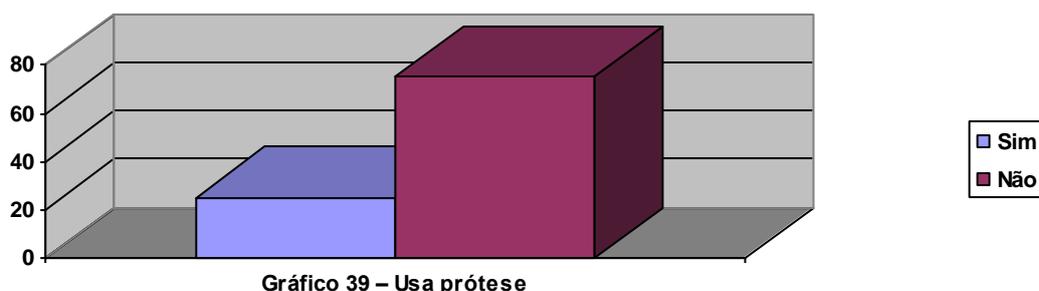


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O Gráfico 38, que define o que os surdos são, temos que 91,6% dos entrevistados não tiveram dúvidas em declararem que são pertencentes de uma comunidade surda, outros 08,3% disseram que são pessoas pertencentes de uma minoria lingüística, 08,3% pessoas com perda auditiva e 08,3% são pessoas deficientes.

Em sua maioria percebemos que os sujeitos surdos estão unidos enquanto comunidade e que um número bem reduzido se considera como deficiente. Também, são tantas informações, seja pelos instrumentos dos meios de informação que divulgam desinformação, ou pela legislação que a cada momento cria uma nomenclatura diferente. Ou ainda, pelos discriminadores que sentem prazer em chamar o outro de deficiente, como se, chamar o outro de deficiente acentuasse sua normalidade.

Gráfico 39 – Usa prótese



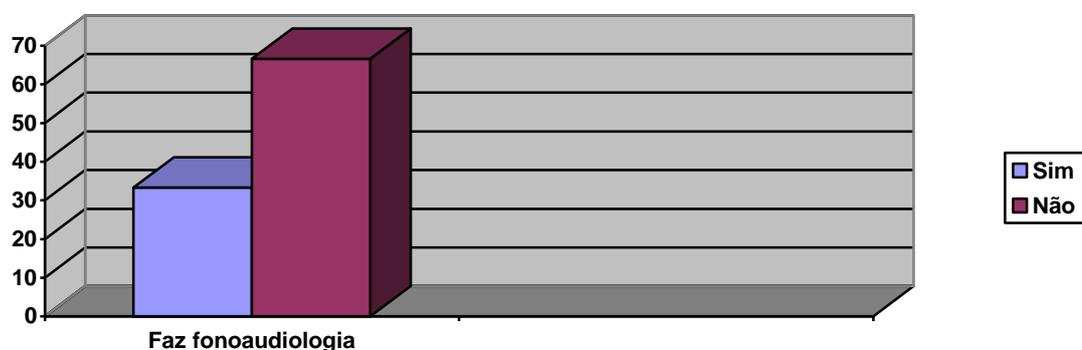
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O uso da prótese muitas vezes é imposto ao surdo, como uma condição para que seja incluído. Um discurso muito comum usado por pais, fonoaudiólogos, professores e pessoas da sociedade é que: “o uso da prótese traz segurança”, “nem todo mundo é obrigado a saber Libras” e “como vão se comunicar com os ouvintes?”. Estas questões são associadas à segurança e a inclusão dos surdos, como uma condição de aproximação do surdo em ouvinte. A pessoa surda não é aceita como surda, portanto, ela deve tentar se aproximar ao parâmetro dito normal que determina que a pessoa “normal” escuta e fala.

O uso da prótese não é isolado, ela é um recurso utilizado da ideologia ouvintista, que deseja transformar o surdo em ouvinte, obrigando-o a escutar e falar igual a um ouvinte, como se fosse uma salvação, uma boa ação. E isto, na maioria das vezes, acontece na primeira infância, o que retira o direito de escolha do surdo de ser realmente surdo. Na maioria das vezes, os surdos só se libertam na juventude ou na idade adulta, quando vão adquirindo e participando da comunidade surda e de sua cultura.

Como visualizamos no gráfico apenas 25% usam prótese e 75% não usam. Um número considerável, talvez pelo fato de que todos os entrevistados sejam jovens e adultos, que em sua maioria já participam da comunidade surda, usam a Libras e este recurso (prótese) não seja necessário. Esclarecendo que esta prótese é um aparelho de amplificação sonora individual, esta prótese amplifica o som, diferente do implante coclear.

Gráfico 40 – Faz Fonoaudiologia

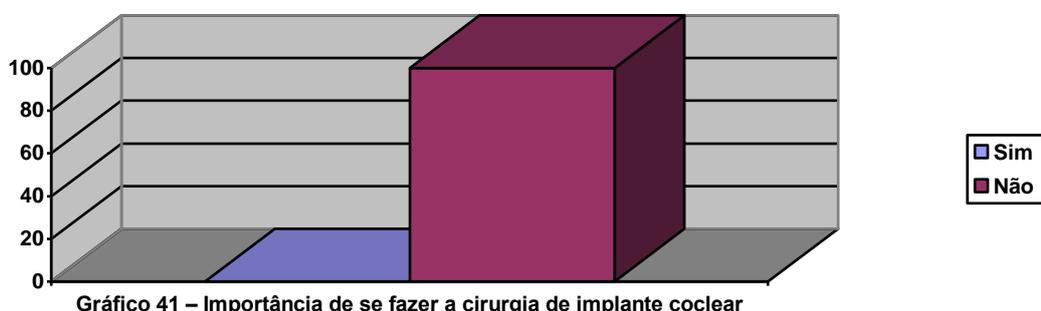


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

A fonoaudióloga é considerada por muitas mães, professores e médicos, como a salvação das crianças surdas. Pois, se elas aprenderem a falar vão poder viver mais perto da “normalidade”. Segundo alguns especialistas, que para nós são equivocados, a criança que melhor oralizar, melhor aprenderá, como se houvesse essa associação. A busca pela fala, como a busca pela audição, são uma das diversas faces da ideologia ouvintista, que se disfarça, como se fosse a salvação, para uma condenação de uma vida sem som e sem voz.

O Gráfico 40, demonstra que 66,6% dos entrevistados não freqüentam fonoaudióloga e 33,3% freqüentam, acreditamos que este ultimo dado, dos que freqüentam, é um percentual considerável, já que estamos tratando de indivíduos jovens e adultos. Supomos, que estes indivíduos surdos que trabalham, freqüentam fonoaudióloga, para obterem um diferencial na busca pelo emprego. Pois, como sabemos, algumas empresas procuram empregados surdos que falem e que escutem.

Gráfico 41 – Importância de se fazer a cirurgia de implante coclear



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O gráfico 41 – que abrange a importância de se fazer a cirurgia de implante coclear, 100% dos entrevistados responderam que não era necessário. Talvez esta resposta tenha sido dada pelo fato de que, a maioria dos sujeitos têm orgulho de serem surdos, se consideram integrantes de uma comunidade, são usuários da Libras e, por possuírem uma identidade, acreditam que o implante é desnecessário.

O implante coclear é um aparelho eletrônico computadorizado/ uma prótese implantada, que fornece impulsos elétricos, que são colocados dentro da cóclea e esta estimulação das fibras neurais é levada para o cérebro, o que possibilita ao usuário, a capacidade de perceber o som. O número de implantados ainda é bem

reduzido, devido o custo que é alto (sistema único de saúde já oferece a cirurgia gratuitamente) e devido às restrições exigidas para a cirurgia, que deve seguir bases criteriosas da ordem clínica, audiológicas e psicológicas. Para se fazer este implante, os surdos precisam ter surdez sensorial e bilateral profunda e não ter se adaptado ao aparelho de amplificação do som. Mesmo assim, os especialistas ainda não podem afirmar os resultados que podem ser obtidos com a cirurgia, por exemplo: se o surdo nunca escutou um som ou dependendo do número de eletrodos que farão implantados, altera no resultado diferenciado de cada indivíduo.

Para nós, o implante coclear é mais um instrumento da ideologia ouvintista que deseja normalizar os surdos em ouvintes. Com os avanços da medicina e da tecnologia novos instrumentos são criados para a normalização. Pouco se divulga sobre os riscos oferecidos sobre esta cirurgia. O pior, em nossa opinião, quando essa cirurgia é realizada em crianças é tirado seu direito de escolha. A surdez, neste enfoque patológico, é vista como algo ruim, que deve ser modificada e revertida. Não se considera a comunidade surda, sua identidade, sua língua de sinais, sua cultura, tudo isto é considerado como inferior a capacidade de escutar.

Acreditamos que o implantado corre um alto risco de se constituir sem “nação”, sem cultura própria e sem identidade. E que esta pessoa será sempre vista, como uma pessoa não natural, neste caso, implantado, o mesmo que, portador. Aos olhos do “povo”, sempre será uma sujeito “incompleto” que precisa de recursos para se normalizar, não considerando que tal cirurgia pode ser agressiva a natureza do sujeito.

Gráfico 42 – Conhece surdo que fez a cirurgia de implante coclear

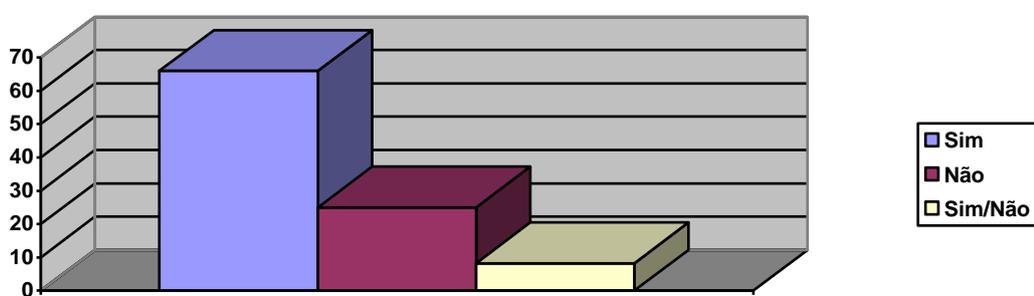
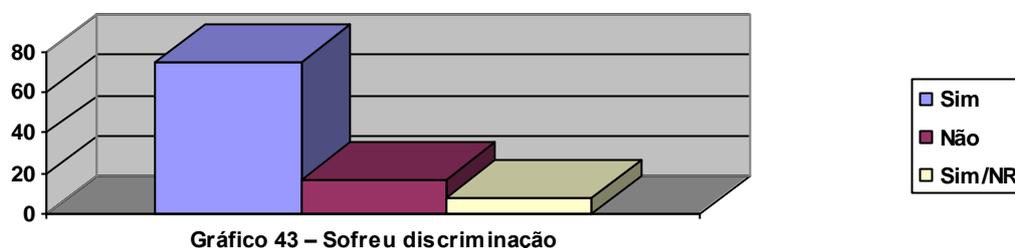


Gráfico 42 – Conhece surdo que fez a cirurgia de implante coclear

Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como foi feito nos comentários do Gráfico 41, o número de implantados ainda é reduzido. Mas, esta quantidade vem aumentando a cada dia, devido a popularização oferecida pelo SUS (sistema único de saúde), que oferece tal cirurgia gratuitamente. Como podemos ver no Gráfico 42, 66,6% dos entrevistados conhecem pessoas que fizeram a cirurgia, e 2% não conhecem. 8,3% não foi possível saber se conhecia um surdo que fez a cirurgia ou não, já que no questionário não havia uma resposta exata, pois o entrevistador registrou (sim/não), não possibilitando na presente análise escolher a resposta mais apropriada.

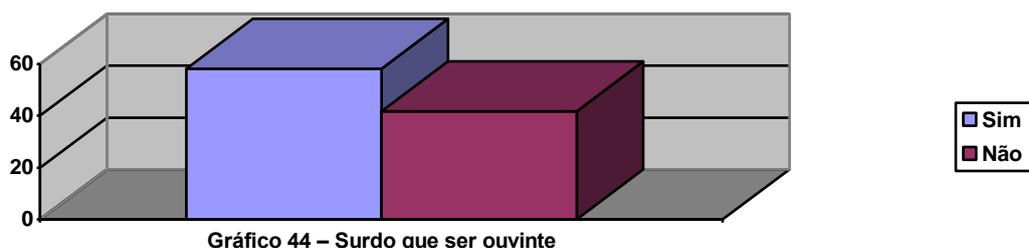
Gráfico 43 – Sofreu discriminação



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como podemos perceber no gráfico acima, 75% dos entrevistados já sofreram algum tipo de discriminação, 16,6% não sofreu e 8,3% não foi possível concluir a resposta, pois o entrevistador registrou (sim/NR) o que não nos oferece subsídios para conclusões. Nestas condições, perceberemos um percentual considerável, que já sofreu discriminação, como no Gráfico 37 – Sentimento Difícil, os sujeitos entrevistados revelaram que sofreram discriminação por ser surdo na escola e em outros espaços.

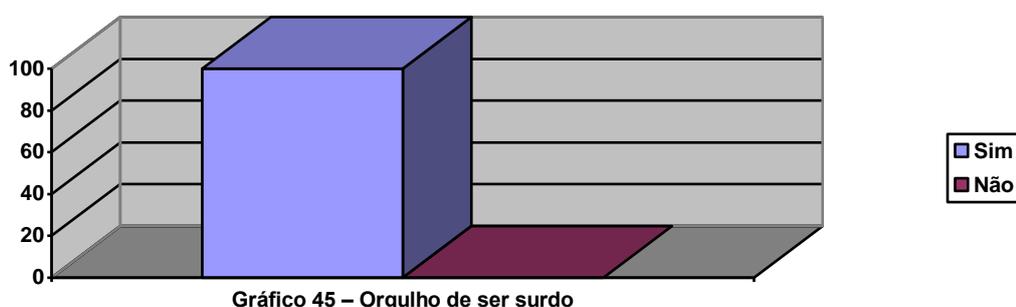
Gráfico 44 – Surdo quer ser ouvinte



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como expressa o gráfico acima, a maioria acha que surdos querem ser ouvintes sim, 58% e 41,6% acham que os surdos não querem ser ouvintes. No entanto, acreditamos que estas respostas são decorrentes do histórico de sofrimento, discriminação e preconceito sofridos. Pois, quando se pergunta se os surdos possuem orgulho de ser surdo (Gráfico 45), todos responderam que sim e nenhum deles possuem vergonha da surdez (Gráfico 46). O que nos faz acreditar, que esta resposta não é tida como um parâmetro individual/ pessoal, mas, está referenciada aos outros surdos, que sofreram mais, que foram mais discriminados do que a pessoa entrevistada. O que os faz concluir, que os surdos querem ser ouvintes, talvez para escapar de um quadro de sofrimento.

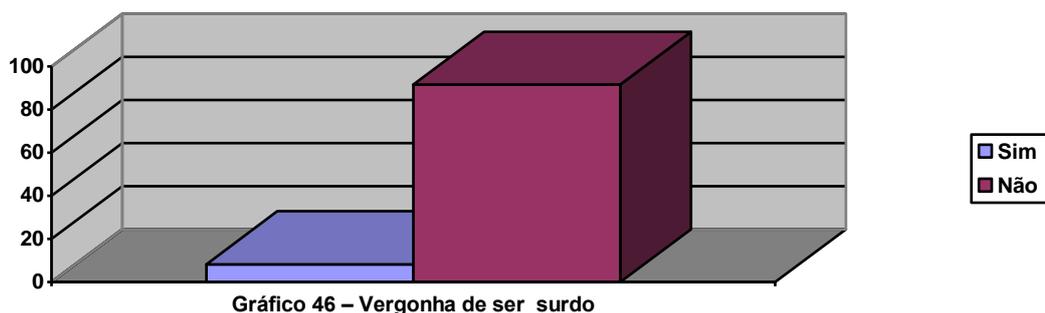
Gráfico 45 – Orgulho de ser surdo



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Todos os entrevistados declararam que possuem orgulho de ser surdo, 100%. Este orgulho de ser surdo também pode ser considerado como uma forma de reafirmação cultural. Enquanto, algumas pessoas não aceitam o reconhecimento cultural da comunidade surda, de sua identidade, se suas experiências visuais, nem de sua língua materna, a Libras. Os surdos reforçam o seu orgulho. Da mesma forma que os negros reforçam o orgulho de ser negro (100% negro), como sabemos no Brasil não há nenhum sujeito 100% negro ou 100% branco, mas esta campanha dos negros tem com objetivo de “reforço cultural”, é como se eles dissessem que são negros totais, uma totalidade em questão cultural, de identidade e pertencimento.

Gráfico 46 – Vergonha de ser surdo



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

91,6% dos entrevistados disseram que não tinham vergonha de serem surdos e 8,3% disseram que sim. Esta não vergonha é decorrente de todo um processo desenvolvido nos surdos de pertencimento e de defesa da sua comunidade. Por muito tempo e ainda hoje, os surdos são vistos como “humanos incompletos”, porque para ser “humano completo” é preciso que se tenha todos os sentidos. Uma das grandes diferenças visíveis entre surdos e ouvintes é a língua, quando todos estão juntos não podemos distinguir nem discriminar as pessoas em surdas e ouvintes. Não existe um letreiro de identificação informando que aquela pessoa é surda. Mas, quando os surdos se comunicam através da Libras, todos, que enxergam, visualizam esta comunicação, chama atenção. O que deveria ser um motivo de orgulho, o que é, muitas vezes passa a ser constrangedor já que todos voltam os olhares para os “diferentes” do meio comum. E estes olhares gerados por uma ideologia ouvintista, dominante, gera sentimento, como: pena e piedade. E neste sentimento “benevolente” e afável, resulta num profundo desconforto e sentimento de inferioridade (humano incompleto) o que possivelmente causa vergonha para alguns surdos.

3.4 TRABALHO

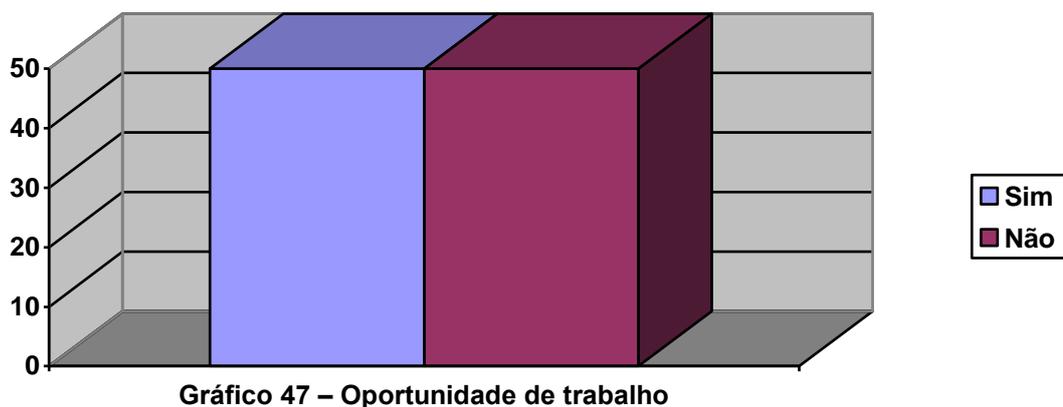
No quarto e último eixo são abordadas questões do trabalho e de suas relações com o empregado, como: existe oportunidade de trabalho, onde são esses locais que empregam, se assinam a carteira profissional, se os empregados recebem algum benefício, aposentadoria ou pensão do governo, que tipo de profissão é exercida pelo surdo, qual a média de salário recebido, se as atividades exercidas são equivalentes a escolaridade do empregado. Quanto às relações profissionais estabelecidas, são levantadas algumas questões, como: Quais são os pontos positivos do trabalho, se o empregado se sente discriminado, se é humilhado apontando o seu maior agressor e como ele acha que é visto pelos outros empregados.

Todas essas questões, levantadas revelaram que a metade dos surdos entrevistados acredita que existe oportunidade de emprego e a outra metade acredita que não. Os locais que empregam os surdos são diversificados, sendo um ou outro que se repete. Estes locais de trabalho são caracterizados por pagarem baixos salários, alguns não assinam a carteira, em média 01 (um) salário mínimo. Os cargos exercidos, em sua maioria, não exigem nenhuma qualificação prévia, acreditamos que eles aprendem suas funções na prática.

E quanto às relações vivenciadas no ambiente de trabalho, percebemos que a discriminação se faz presente, havendo inclusive formas de humilhação, que são geralmente cometidas pela direção e pelos colegas de trabalho. No entanto os surdos acreditam que são vistos, como cumpridores de horários, inteligentes, comunicativos e cooperativos e acham que seus colegas de trabalho, acham que a presença do surdo no trabalho é uma forma de demonstração de que o surdo é capaz de trabalhar.

Mesmo no contexto visivelmente desfavorável, os surdos acreditam que o trabalho é uma forma de valorização da capacidade profissional, independência financeira da família e oportunidade de exercitar a Libras, acreditamos que nesta última, sejam voltadas para o professor e instrutores de Libras.

Gráfico 47 – Oportunidade de trabalho

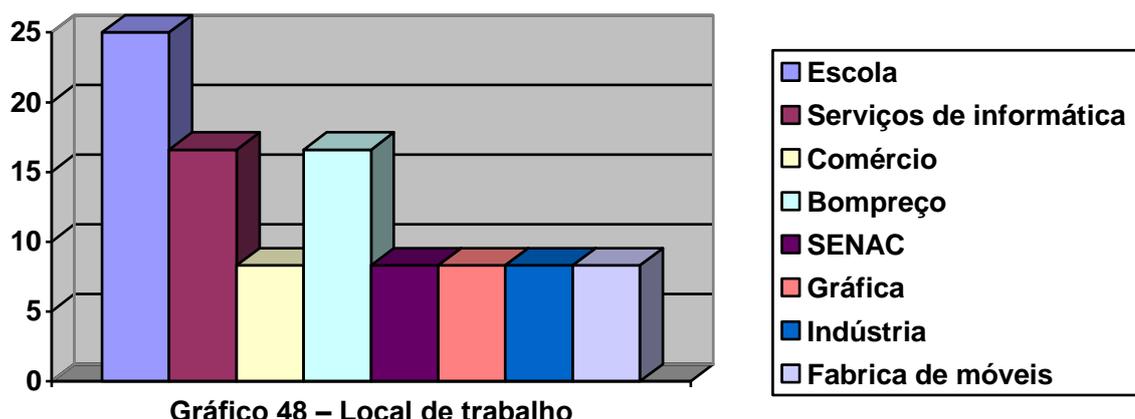


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Conforme podemos visualizar no Gráfico 47, 50% dos entrevistados disseram que existe oportunidade de trabalho para o surdo e 50% que não existe oportunidade. Existir oportunidade de trabalho, não significa que exista uma boa vaga de trabalho, com boas condições e com bons salários. O que acontece com constância é o oferecimento de vagas que não valorizam o intelecto dos surdos, geralmente são atividades braçais ou que não exige comunicação. Ocorrendo assim, um isolamento no local de trabalho. Na maioria das vezes, as empresas estão coagidas pelos auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego, que obrigam a contratação para o cumprimento da lei de cotas. As empresas para escaparem das multas e de outras retaliações jurídicas, contratam, com o objetivo de aproximar ao ideal exigido, ocorrendo duas situações: os sujeitos exercem qualquer atividade sem perspectiva de participação e crescimento na empresa ou se transformam em figuras representativas para cumprimento legal de um número estabelecido.

Esta situação não é bem vinda para ninguém é preciso que haja um trabalho de conscientização nos empresários, para que eles percebam que as pessoas surdas não são “deficientes”, nem “anormais”, nem “seres humanos incompletos” e percebam que os surdos são pessoas, são humanas, completas, normais, eficientes e com capacidades de exercer boas funções dentro da empresa. Com perspectiva de crescimento e valorização profissional.

Gráfico 48 – Local de trabalho



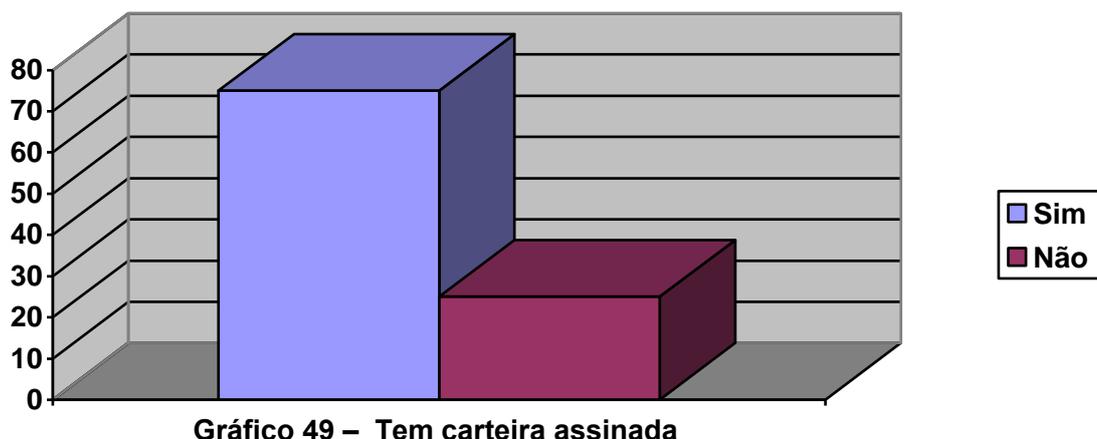
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como podemos perceber no Gráfico 48, acima, os locais de trabalho são diferenciados, 25% exercem suas funções na escola, 16,6% com serviço de informática, 16,6% no Bompreço e 08,3% no comércio, SENAC, gráfica, indústria e fábrica de móveis.

Atualmente, os números de estabelecimentos que empregam pessoas surdas vêm crescendo. Ainda, não podemos afirmar que esta ação é decorrente de um trabalho consciente, que, assume a responsabilidade social incluindo efetivamente os surdos no mercado de trabalho. Infelizmente, os empresários cumprem apenas o preenchimento da lei de cotas e quando cumprem. Porque, a maioria está com um número de funcionários bem abaixo do desejado e cobrado por lei.

Muitas empresas, em suas seleções, fazem exigências rigorosas e absurdas, para o preenchimento das vagas. Alegam que os candidatos não possuem um perfil solicitado, falta de qualificação profissional. Ou dizem que não estão acessíveis para conviver com um surdo profundo (não conhecimento da Libras). Havendo uma escolha do profissional pela deficiência (surdo leve ou oralizado), não considerando as características profissionais do indivíduo.

Gráfico 49 – Tem carteira assinada



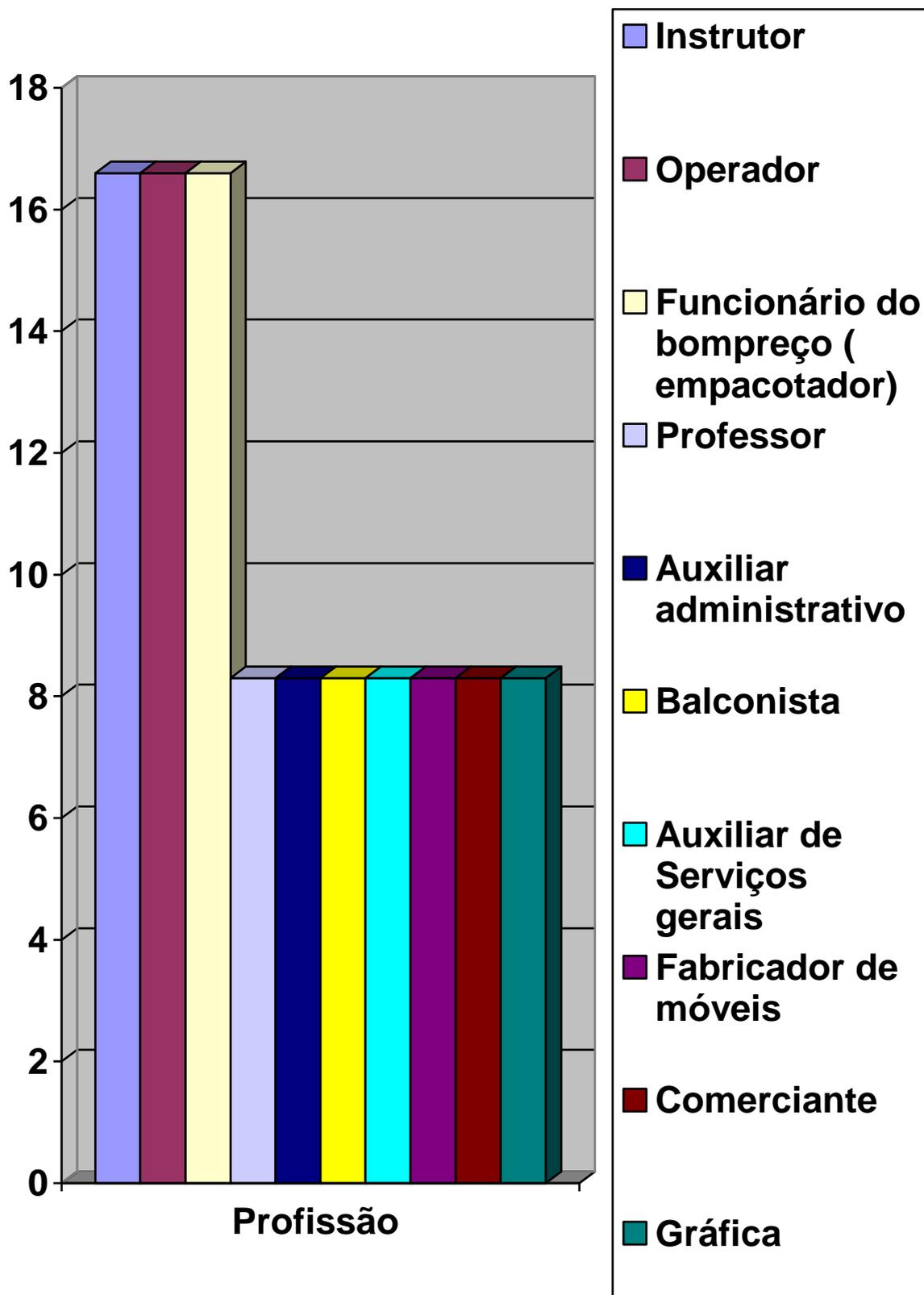
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009).

Como podemos visualizar no gráfico acima, 75% possuem carteira assinada e 25% não possui.

Lamentamos, ainda, encontrarmos trabalhadores que não possuem a carteira assinada, pois, isto significa que seus direitos estão sendo usurpados. A carteira assinada é um direito assegurado por lei, em específico é regido pela (CLT) Consolidação das Leis do Trabalho. A CLT assegura direitos como: licença maternidade e paternidade, 13º salário, férias, jornada de trabalho, repouso semanal, etc. Em caso de afastamento por demissão, o empregado tem direito a retirada do FGTS e multa de 40% em cima do saldo, aviso prévio, seguro desemprego, etc. Se o empregado solicitar o afastamento, tem direito ao salário proporcional, 13º proporcional, não tem direito a aviso prévio, nem ao seguro desemprego, etc. A CLT, envolve várias questões que aborda a situação legal do empregado e do empregador. Caso o empregador não assine a carteira do empregado, ele pode entrar com uma ação no Ministério do Trabalho e Emprego, para exigir todos os direitos que foram negados.

Atualmente no Brasil, isto é uma realidade, que não envolve apenas os surdos. Mas, atinge toda a população. Que, pela dificuldade de se conseguir uma vaga de emprego, se submetem a sub-empregos como forma de sub-existência.

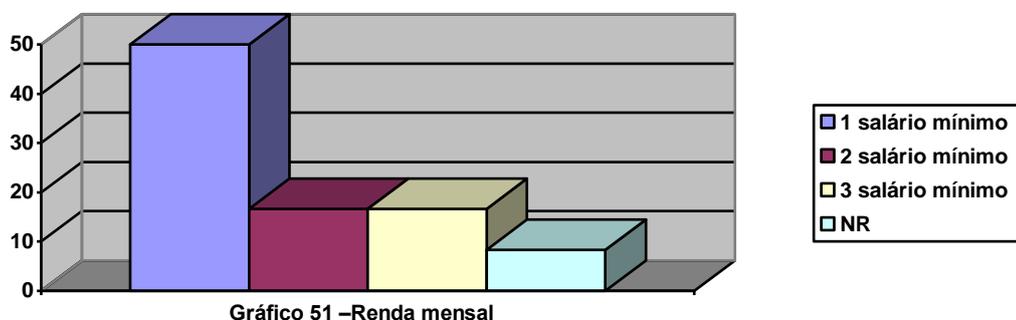
Gráfico 50 – Profissão



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

O Gráfico 50 – Profissão - oferece uma diversificação quanto os tipos de profissões. Encontramos 08,3% exercendo a atividade de professor, 16,6% de instrutor, 16,6% auxiliar administrativo, o restante consiste em operador, empacotador do Bompreço, balconista, auxiliar de serviços gerais, fabricante de móveis, gráfico, cargos estes citados que não exigem qualificação profissional prévia ou deveria ter, mas, geralmente eles aprendem na prática. O que barateira a mão de obra, o empresário passa a conseguir mão de obra barata e não qualificada. E os empregados sobrevivem com baixos salários.

Gráfico 51 – Renda mensal



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como podemos visualizar, claramente, no gráfico acima, a maioria dos entrevistados recebe em média 01 (um) salário mínimo, o mesmo que 50%, e 16,6% recebem 02 (dois) salários mínimos, 16,6% correspondendo a 03 (três) salários e 08,3% não respondeu.

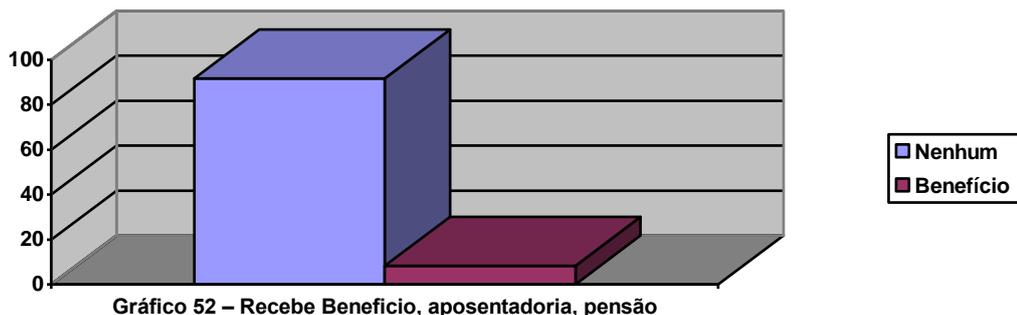
Os entrevistados recebem, em sua maioria, 01(um) salário mínimo. Uma realidade de tantos outros brasileiros. Salários baixos, que se interligam aos cargos executados.

Como forma padronizada, as empresas não pagam mais do que um salário mínimo aos seus empregados surdos. O que precisa ficar claro, que isto não ocorre pelo fato do funcionário ser surdo, mas, pelos cargos executados. Que geralmente, não exige escolaridade, como: operador, auxiliar de serviços gerais, balconista ou empacotador.

Lembrando que os funcionários são destinados para estes cargos com a justificativa de que eles não possuem qualificação profissional. No entanto, esta qualificação profissional é um dever não só do Estado, como das empresas.

Algumas empresas já capacitam seus funcionários ao perfil profissional desejado. Têm um custo elevado, mais que se obtêm resultados positivos em curto prazo. No caso do Estado é seu dever oferecer cursos profissionalizantes e qualificação profissional, se não tiver condições, deve terceirizar.

Gráfico 52 – Recebe Benefício, aposentadoria, pensão



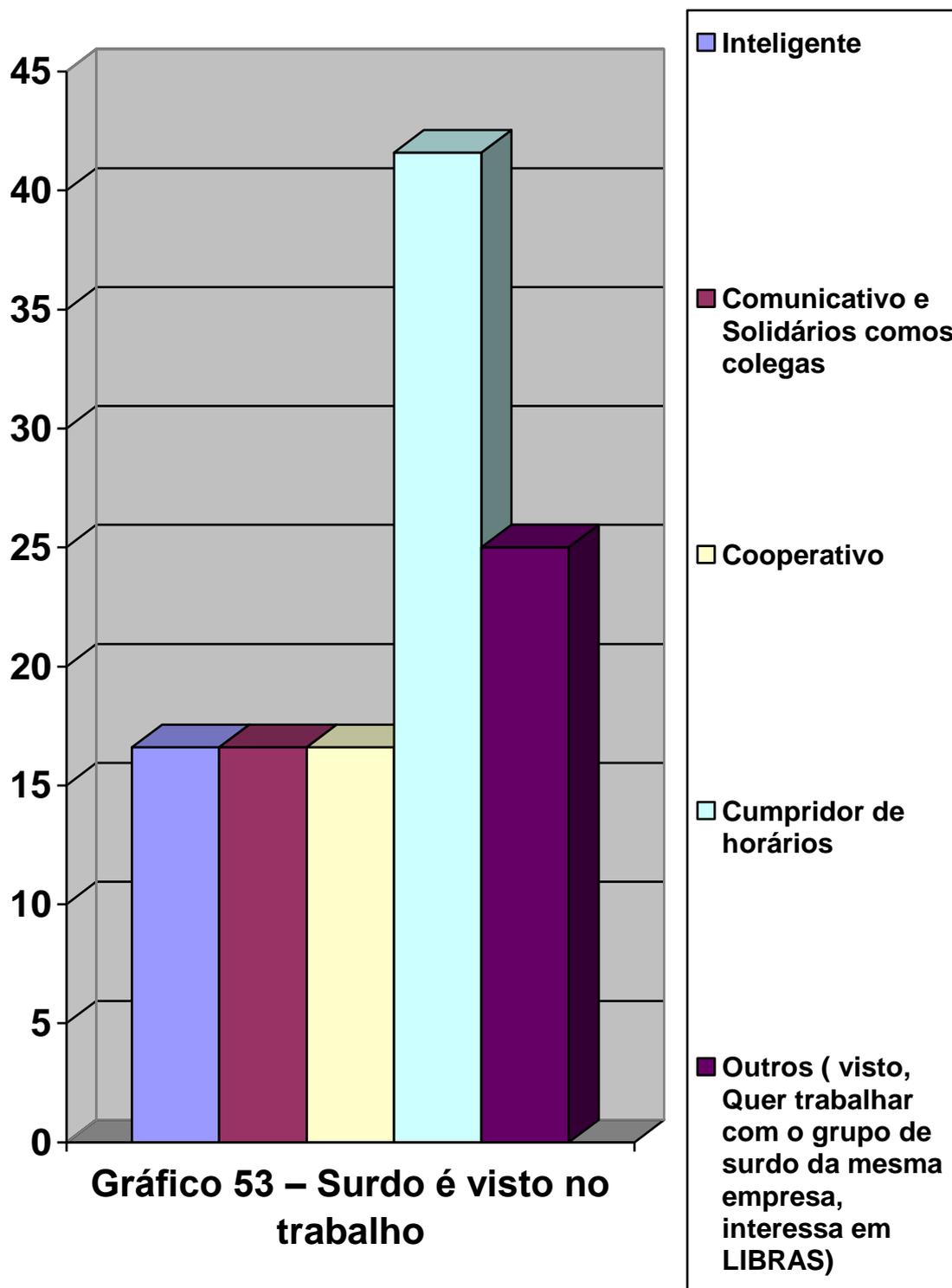
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009).

91,6% dos entrevistados informaram que não recebem nenhum benefício, aposentadoria ou pensão e apenas 08,3% informaram que sim, recebem benefício. O BPC (benefício de prestação continuada) foi regulamentado pela LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), pertencente ao Sistema único de Assistência Social – SUAS, vinculado ao Governo Federal, previsto na Constituição Federal de 1988. Que tem como público atendido as pessoas idosas e com deficiência. No entanto, o benefício, 01 (um) salário mínimo, R\$ 465,00 (quatrocentos e sessenta e cinco reais) não é oferecido a todo este público, o programa coloca alguns critérios exigidos, como: as pessoas idosas devem ter 65 anos (sessenta e cinco) ou mais; e as pessoas com deficiência devem está incapacitadas para o trabalho e para a vida independente; e ter uma renda familiar por pessoa e dos integrantes residentes na mesma moradia, inferior a que $\frac{1}{4}$ (um quarto do salário mínimo) ou o mesmo que, R\$ 116,25 (cento e dezesseis e vinte e cinco centavos).

Assumir esta incapacidade para o trabalho é o mesmo que assumir a “deficiência” como condição de inferioridade. E passar para a condição de beneficiário, assistido pelo governo. E esta condição de assistido gera um “rombo” nos cofres públicos. Acreditamos que o Governo Federal, deveria favorecer a qualificação profissional e incentivar a contratação destes sujeitos que passaria da

condição de beneficiários para a de contribuinte, movimentando a economia e diminuindo os gastos dos cofres públicos.

Gráfico 53 – Surdo é visto no trabalho



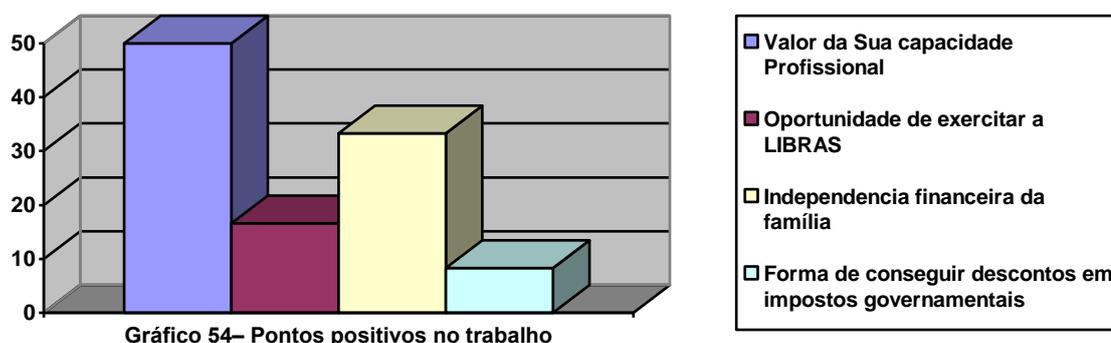
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Como podemos visualizar no Gráfico 53 – Surdo é visto no trabalho - como cumpridor de horário 41,6%, cooperativo 16,6%, inteligente 16,6%, comunicativo e

solidário com os colegas 16, 6% e 25%, que quer trabalhar com o grupo de surdo da mesma empresa, tem interesse em Libras além de querer ser visto.

Quando pensamos no âmbito empresarial, um funcionário que cumpre seu horário é respeitado por ser responsável. Neste caso, foi tomado como de maior relevância. No segundo momento, a inteligência, comunicação, solidariedade, também são vistas como importantes. Já que, percebemos que os surdos em sua maioria, se mostram prestativos e solidários para aqueles que ainda não conseguiram se comunicar em Libras e se esforçam no aprendizado, por exemplo. Estas são importantes ações que colaboram para um bom desempenho profissional no local de trabalho.

Gráfico 54– Pontos positivos no trabalho

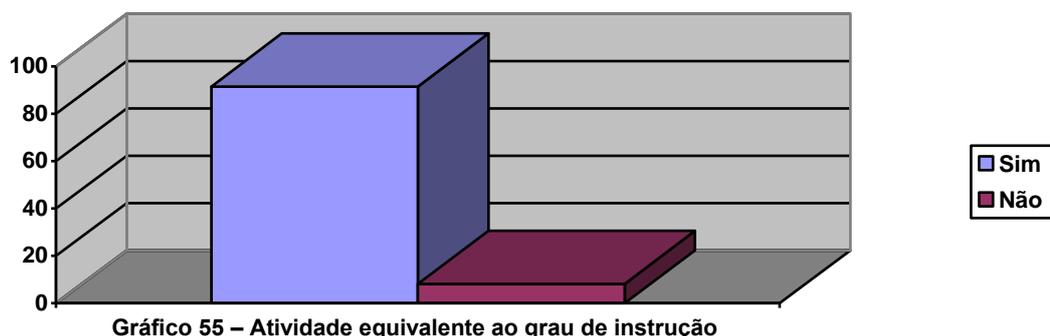


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009).

No Gráfico acima, os surdos declararam que os pontos mais positivos são relacionados ao valor dado a sua capacidade profissional com 50%, oportunidade de exercitar a Libras 16,6%, independência financeira da família 33,3% e uma forma de conseguir descontos em impostos governamentais 8,3%.

Como sabemos, e visualizamos em gráficos anteriores, os estudantes surdos que trabalham em sua maioria são jovens e residem com os pais. Dessa forma, ao visualizarmos este gráfico, percebemos que a maioria dos entrevistados respondeu que um dos pontos positivos que o trabalho proporciona é o reconhecimento de sua capacidade profissional e da independência financeira da família. Uma característica comum a jovens que iniciam suas carreiras profissionais. Outros responderam que o local de trabalho seria também para praticar a Libras, lembrando que alguns profissionais trabalham em escolas como instrutores.

Gráfico 55 – Atividade equivalente ao grau de instrução

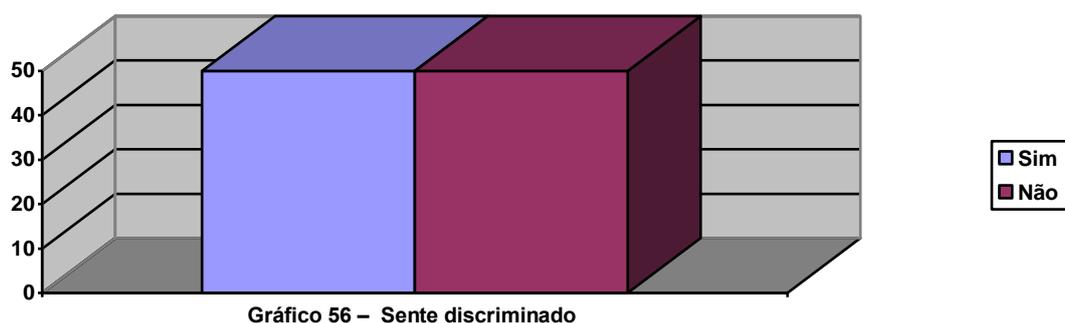


Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009).

No gráfico 55 – foi perguntado aos entrevistados se eles acreditavam que as atividades exercidas eram equivalentes ao grau de instrução, 91,6% disseram que sim e 08,3% que não.

Pelo que percebemos na visualização do Gráfico 55 – atividade equivalente ao grau de instrução, muitos sujeitos responderam que sim, talvez eles estejam enganados ou não percebem suas potencialidades na execução e produção de outras atividades que exijam mais de seus intelectos. Ainda na suposição, quem sabe eles já foram tão discriminados, que se subestimem e se conformem com funções operacionais apenas.

Gráfico 56 – Sente discriminado



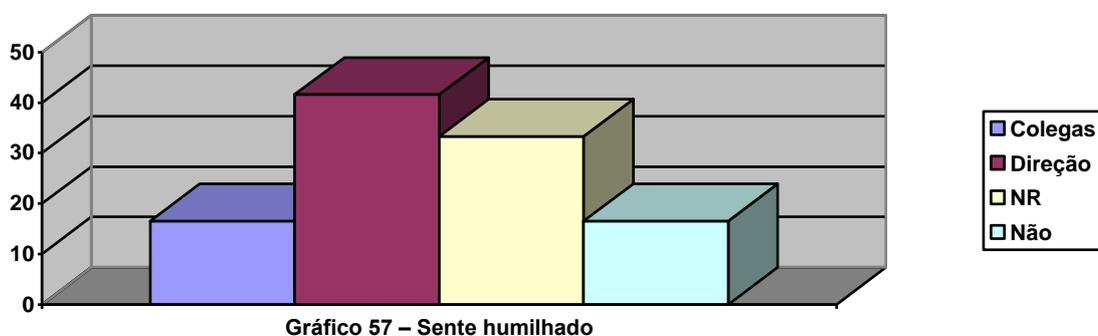
Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

50% dos estudantes surdos que trabalham disseram que se sentiam discriminados no ambiente de trabalho e 50% informaram que não - o local de trabalho não era um ambiente de discriminação. Esta questão da discriminação foi abordada nos Gráficos 37 e 46. Entretanto, este gráfico se refere à discriminação

ocorrida no local de trabalho. Como podemos visualizar as respostas estão divididas, em partes iguais.

O que nos faz supor, que o ambiente de trabalho não é um ambiente de total discriminação, mas, que ela ainda resiste no ambiente profissional. Como vimos nos gráfico anteriores, a discriminação existe, principalmente nas residências, nas escolas e agora podemos perceber no trabalho. O que nos leva a concluir que os ambientes mais freqüentados pelos surdos são ambientes de discriminação. Acreditamos que esta situação deve, no mínimo, gerar um grande desconforto emocional.

Gráfico 57 – Sente humilhado



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009).

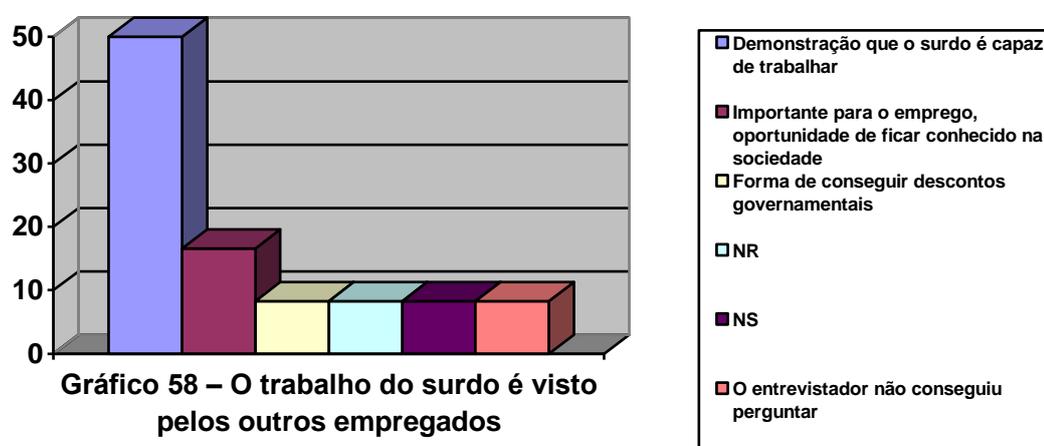
Observação: um entrevistado respondeu a palavra nada, no contexto da Língua Brasileira de Sinais, concluímos que este nada representa não, por esta razão unimos os percentuais 08,3% = 08,3% = 16,6%.

No gráfico 57 – se o surdo se sentia humilhado e por quem, 41,6% responderam que eram humilhados pela direção, 16,6% pelos colegas, 33,3% não respondeu e 16,6% disseram que não eram humilhados.

O sentimento de humilhação é derivado principalmente dos diretores e colegas. No entanto, o diretor/ gerente/ supervisor/chefe, tem um papel fundamental na convivência dos indivíduos no local de trabalho. Esta figura referencial deveria intermediar os possíveis conflitos e solucionar questões prejudiciais ao rendimento do empregado, como a humilhação. Neste caso, o diretor é o principal responsável e os colegas comungam da mesma idéia. O que dificulta a liberdade da pessoa surda no trabalho.

Por esta razão, é que se diz que a obrigatoriedade do cumprimento da lei, não é a solução. Os diretores precisam se conscientizar de suas responsabilidades sociais, não apenas como um cumpridor de leis. Mas, como sujeitos que acreditam na mudança e colaboram para a mudança, como na emancipação libertária dos jovens surdos que estudam e trabalham na busca da transformação individual e coletiva. De uma sociedade injusta, discriminatória que humilha e esmaga qualquer indivíduo que esteja em uma situação de suposta inferioridade.

Gráfico 58 – O trabalho do surdo é visto pelos outros empregados



Fonte: Pesquisa - Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009).

50% dos surdos informaram que acreditam que os outros empregados da empresas, acreditam que sua presença é uma demonstração de que o surdo é capaz de trabalhar, 08,3% pela importância do emprego, 08,3% sendo uma oportunidade de ficar mais conhecido na sociedade, 08,3% uma forma de conseguir descontos governamentais, 08,3% não responderam, 08,3% não sabiam e a 08,3% o entrevistador não conseguiu perguntar. Do Gráfico acima, acreditamos que o dado mais expressivo e significativo é a de que os empregados percebem o trabalho do surdo como uma demonstração concreta das capacidades profissionais destes sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das demonstrações que tivemos a oportunidade de visualizar em 58 gráficos, divididos em quatro eixos (identificação do sujeito, Libras/cultura surda, preconceito e trabalho), podemos concluir que, os sujeitos surdos entrevistados são, em sua maioria, jovens, solteiros, não possuem filhos, residem com os pais, estudam, trabalham, recebem em média 01 (um) salário mínimo e executam cargos que não exigem uma qualificação profissional específica. São também, “ingênuos”, talvez decorrente da juventude, pois, a metade dos entrevistados acredita que existe oportunidade de emprego e a maioria deles acredita que as atividades executadas são equivalentes ao seu grau de instrução. E permanecem na ingenuidade, pois, acreditam que os colegas de trabalho os percebem como capazes de trabalhar e que o trabalho do surdo é importante porque é uma oportunidade do surdo ficar conhecido na sociedade.

Estamos pondo estas “credibilidades” dos surdos como ingenuidade, pois, conforme dados coletados, não achamos que os surdos não são reconhecidos como bons profissionais. Pois, exercem cargos operacionais, com salários baixos, alguns não possuem carteira assinada, são discriminados e humilhados pela direção e colegas de trabalho.

Neste contexto, percebemos que as empresas, ainda, não acreditam nas eficiências das pessoas surdas. Ainda, possuem mentes cristalizadas em preconceitos, de que o surdo é um ser humano incompleto, deficiente, portador necessidades especial e incapaz. E por esta razão não oferecem verdadeiras oportunidades de emprego, não qualificam profissionalmente (com o objetivo de obter bons resultados para a empresa), não dão oportunidades reais, porque não acreditam e empregam por uma questão de cumprimento da lei de cotas.

Os jovens surdos que trabalham, vivem em uma batalha a cada segundo, enfrentam discriminação no ambiente familiar, escolar e profissional. E seguem suas vidas, estudando, trabalhando, acreditando e provando que são capazes. Capazes de constituir uma Língua, identidade, cultura e comunidade própria e de superar obstáculos colocados, pelas famílias, pela tecnologia usada como instrumento de reabilitação/transformação, pela mídia, pelas escolas e seus despreparos.

E mesmo com tantos descaminhos enfrentados pelos surdos, eles não se cristalizaram, nem aceitaram passivamente a exclusão ou com a inclusão oferecida

como bondade. Eles demonstram resistência, solidificação cultural e identidade, o que impulsiona como uma alavanca para o desenvolvimento da comunidade e de seus integrantes.

Como, foi possível visualizar nos gráfico, no universo de 12 (doze) sujeitos 04 (quatro) estavam no ensino universitário, 04 (quatro) no médio e 04 (quatro) no ensino fundamental. Uma situação nova, pois, num passado próximo, os surdos não alcançavam a universidade, isso era “coisas de ouvintes”, nem conseguiam trabalhar.

Hoje, já podemos perceber algumas evoluções além da elevação da escolaridade. Como sabemos, muitos surdos exercem funções operacionais, mas, outros já conseguem exercer suas profissões, como: professor e instrutor de Libras.

Infelizmente não podemos dizer que o caminho da libertação do surdo é fácil. Mas, eles provam que possuem garra para lutar. Como é possível perceber na comemoração do dia do surdo, quando vão para a rua, se mostram para a sociedade, propõem e reivindicam soluções do Governo.

Os surdos, ao contrário que muitos ouvintes, gostam de ler e isto é muito expressivo. Já que sabemos das dificuldades enfrentadas pelos surdos na aquisição da língua escrita. Tal, dificuldade é decorrente de uma desestruturação educacional que “educa” o surdo como ouvinte, de forma igual.

Percebemos diante de tantos dados, que os surdos buscam informação, escolarização. E acreditam que através do trabalho irão demonstrar suas capacidades profissionais e irão obter independência financeira da família.

Esta dependência, de uma situação de limitações impostas é anulada nas seguintes condições: unidade e resistência cultural; elevação da escolaridade e qualificação profissional, reivindicação e cobrança para a garantia de direitos a partir da legislação vigente, visibilidade para a sociedade de suas eficiências e quebras de estigmas secularmente criados.

Trata-se de um trabalho preliminar que possibilitará o desenvolvimento posterior de pesquisa sobre questões, por exemplo, que envolvem a Lei de Cotas e como se constitui a empregabilidade da pessoa surda no contexto histórico, entre outras.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é o trabalho**. São Paulo: Editora brasiliense, 2004.

BARROS, Aline Monteiro de. **Curso de direito do trabalho**. São Paulo: LTR, 2006. p. 50-51.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2004.

_____, Ministério do Trabalho e Emprego. **A inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho**. Brasília: 2007.

_____, Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. Protocolo facultativo sobre os direitos das pessoas com deficiência. Brasília: 2007.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LONGMAN, Liliane Vieira. **Memórias surdas: a invenção do normóide**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2007.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Rupturas e posições, p.8.

PERNAMBUCO, Empregabilidade da pessoa com deficiência: obstáculos e oportunidades. Recife, 2003.

SKILIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: _____. (Org). **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. ed. 3. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Org). **A invenção da Surdez – Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 2009.

CARDOSO, Antônio . Nós somos orgulho de ser surdos em Pernambuco.

Disponível em:

<http://www.feneis.com.br/page/noticias_detalhe.asp?categ=1&cod=536>. Acesso em 12 Dez 2009.

CHIAVON, Eva Maria Cella Dal. Portaria nº 1.199 de 28 de Outubro de 2003.

Disponível

em:<<http://www.deloitte.com.br/publicacoes/2003all/112003/trabalhista/port1199.pdf>>. Acesso em 14 Dez 2009.

BENTO, Ricardo Ferreira.O que é implante coclear. Disponível em:

<<http://www.implantecoclear.org.br/textos.asp?id=1>>. Acesso em 12 Dez 2009.

Brasil. Conferência Internacional do Trabalho – Convenção nº 159. Disponível em:

<http://www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao/legislacao_2_1.asp>. Acesso em 14 Dez 2009.

Brasil. Lei nº 8.213 de 24 de Julho de 1991. Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L8213cons.htm>>. Acesso em 14 Dez 2009.

Brasil. Lei nº 7.853 de 24 de Outubro de 1989. Disponível em:

<<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/L7853.htm>>. Acesso em 14 Dez 2009.

Brasil. Decreto nº 5.296 de 02 de Dezembro de 2004. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil/_ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em 14 Dez 2009.

Brasil. Acessibilidade para portadores de deficiência é tema de seminário no Paraná.

Disponível em:<<http://www.mte.gov.br/Delegacias/pr/noticias/default205.asp>>.

Acesso em 14 Dez 2009.

Brasil. Conceito de Pessoa com Deficiência para Lei de Cotas. Disponível

em:<http://www.mte.gov.br/fisca_trab/inclusao/lei_cotas_2.asp>. Acesso em 14 Dez 2009.